



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

**JOSEFA JACINTA ALVES LIMA**

**“NOSSA LUTA É TODO DIA, SOMOS MULHERES E NÃO MERCADORIA”-  
REFLEXOS ACERCA DA FIGURA FEMININA.**

**JUAZEIRO DO NORTE/CE**

**2021**

**JOSEFA JACINTA ALVES LIMA**

**“NOSSA LUTA É TODO DIA, SOMOS MULHERES E NÃO MERCADORIA”-  
REFLEXOS ACERCA DA FIGURA FEMININA.**

Monografia apresentada ao  
Curso de Graduação em  
Serviço Social do Centro  
Universitário Dr. Leão Sampaio  
– UNILEÃO de Juazeiro do  
Norte – CE, como requisito  
parcial para obtenção do título  
de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Esp. Cecília  
Bezerra Leite

**JUAZEIRO DO NORTE/CE**

**2021**

**JOSEFA JACINTA ALVES LIMA**

**“NOSSA LUTA É TODO DIA, SOMOS MULHERES E NÃO MERCADORIA”-  
REFLEXOS ACERCA DA FIGURA FEMININA.**

Monografia apresentada ao  
Curso de Graduação em  
Serviço Social do Centro  
Universitário Dr. Leão Sampaio  
– UNILEÃO de Juazeiro do  
Norte – CE, como requisito  
parcial para obtenção do título  
de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Profa. Esp. Cecília  
Bezerra Leite

Data de aprovação:15/12/ 2021

Banca Examinadora

---

Profª Esp. Cecília Bezerra Leite

Orientador (a)

---

Profª Me. Márcia de Sousa Figueiredo

Examinador (a) 1

---

Profª Me. Maria Clara Oliveira Figueiredo

Examinador(a) 2

**JUAZEIRO DO NORTE/CE**

**2021**

## DEDICATÓRIA

*“Não há exemplo maior de dedicação do que o da nossa família. Aos meus queridos pais, que tanto admiro, dedico o resultado do esforço realizado ao longo deste percurso.”*

## AGRADECIMENTOS

Aqui quero deixar o meu muito obrigada à cada um que se fez presente nesse momento tão importante da minha vida, fazendo parte de um momento árdua e desafiadora da minha formação acadêmica, agradeço a cada incentivo de motivação para que chegasse até aqui, aos quais sempre estiveram comigo desde o começo vai saber que não foi fácil encontrei muitas dificuldades, mas isso não me fez desistir, a jornada pode ter sido longa, mas eu soube aproveitar cada momento.

Primeiramente quero agradecer a Deus por nunca ter me deixado desamparada, me dando força e coragem para não desistir; à minha família que teve que se mudar do sítio para a cidade para que eu pudesse ter acesso a faculdade com mais facilidade: minha mãe Francisca Alves, que com sua força, garra e coragem me ajudou diversas vezes dando seu apoio materno; ao meu irmão Jardel Alves, que sempre esteve ao meu lado para tudo.

A Vicente Ferrer, o homem que não é somente um pai, mas, o motivador dos meus sonhos, quero ressaltar aqui que valeu a pena acordar 5 horas da manhã e passar aquela canoa todos os dias para ir para a escolinha, eu muitas vezes com minha capinha de chuva azul e ele com minha mochila nas costas para poder pegar o carro. São muitas as lembranças na minha cabeça, então o processo não foi só quatro anos, mas sim toda uma vida. Um dos meus dilemas sempre será que nem todo mundo que se forma significa ser alguém na vida, pois assim estaria desacreditando que meus pais não seriam ninguém, eles quem sempre me deram o melhor ensinamento para ser alguém.

Também quero agradecer a todos os meus tios, primos, padrinhos, avós e amigos em comum, mas não poderia deixar de citar o nome da minha tia Maria Vieira, meu padrinho Airton, minha amiga Návila Caroline e a Patrícia, como também outras pessoas que ficarão no meu coração para sempre. Minha panelinha Larissa Rabeche e Wallyson Lira por tudo que compartilhamos, pelos momentos de alegrias, risadas, força, tristezas e apuros, porque sem eles tudo teria sido bem mais difícil nesse percurso. E as minhas amigas de estágio Dayane Fideles, Beatriz Souza.

E por último e não menos importante, agradeço a todos os meus professores que contribuíram essencialmente no meu processo de formação

profissional, sendo exemplos a quem vou me espelhar sempre, em especial à minha querida professora e orientadora Cecília Bezerra Leite, por todo carinho, confiança, estímulo, ensinamento e paciência né flor! E as minhas supervisoras de Estágio Supervisionado I e II Katia, Suelen, Carol e Emmanuelle (Assistente Social do CRM).

**MUITO OBRIGADA!**

## EPÍGRAFE

*Que um homem não te define,  
sua casa não te define, sua carne  
não te define, você é seu próprio  
lar.*

*(Francisco, El Hombre)*

## RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo a respeito das implicações da objetificação das mulheres com traços de marcos históricos em que segue uma perspectiva feminina dentro da sociedade, e suas implicações no processo de autonomia. Busca compreender a relação que é posta nos métodos do sistema patriarcal verificando as mudanças e restrições à identidade das mulheres em uma sociedade com o status de subordinação, fazendo uma análise da construção de novas condições de como são inseridas na atual sociedade de consumo. Sendo necessário traçar sua luta na inserção do mercado de trabalho e os movimentos que não somente buscam igualdade como também direitos. O objetivo principal é entender a violência do sistema patriarcal e como ele influencia no comportamento das pessoas, controlando e impondo um padrão. Mulheres, esse fato pode ser comprovado por diálogos entre estudos feministas e a complexa inferioridade que é infligida à figura feminina. Em novos moldes capitalistas encontram-se as vantagens e desvantagem da mulher na contemporaneidade, sua luta por autonomia e a diversas opressões da sociedade, como, os padrões que são estabelecidos de beleza, e sexualização das mulheres como violência estrutural, mulheres são controladas por sexo, economia e política. Entende-se como necessário reproduzir o ideal de ser mulher em todos antecedentes da história, o trabalho traz uma análise acerca das lutas e conquistas, mas, sobretudo, romper a naturalização enraizada social e culturalmente. Para fins de pesquisa, a abordagem foi qualitativa com procedimentos bibliográficos.

**Palavras-chave:** Patriarcado; Mulher; Objetificação; Feminismo.



## **ABSTRACT**

This present work talk about a study the implications of objectification of women with traces of historical landmarks in which it follows a female perspective within society, and your implications in the process of autonomy. It seeks to understand the relationship that is put into the methods of the patriarchal system, verifying the changes and restrictions to the identity of women in a society with the status of subordination, analyzing the construction of new conditions of how they are inserted in the current consumer society. Since it is necessary to outline your struggle in the insertion of the labor market and movements that not only seek equality but also rights. The main objective is to understand the violence of the patriarchal system and how it influences people's behavior, controlling and imposing a female standard this fact can be proven by dialogues between feminist studies and the complex inferiority that is inflicted on the female figure. In new capitalist molds are found the advantages and disadvantages of women in contemporary times, their struggle for autonomy and various oppressions in society, such as the established standards of beauty, and the sexualization of women as structural violence, women are controlled by sex, economics and politics. It is understood that it is necessary to reproduce the ideal of being a woman in all history's antecedents. the work brings an analysis about the struggles and conquests, but, above all, breaking the socially and culturally rooted naturalization. For research purposes, the approach was qualitative with bibliographic procedures.

**Keywords:** Patriarchy; Woman; Objectification; Feminism.

## **LISTA DE SIGLAS**

**SPM** -Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres

**CNPM** - Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres

**PNPM** -Plano Nacional de Política da Mulher

**CRM** - Centro De Referência Da Mulher

**CRAS** - Centro de Referência de Assistência Social

**CREAS** - O Centro de Referência Especializado de Assistência Social

**NASF**- Núcleo de Apoio à Saúde da Família

**NPJ**-Núcleo de Prática Jurídica

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I: “NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE MULHER”: O REFLEXO HISTÓRICO DE UM LEGADO NO QUAL MULHER É VISTA COMO INFERIOR E SUBMISSA AO HOMEM</b> .....	<b>12</b>
1.1 AS PRINCIPAIS LUTAS E CONQUISTAS NO CONTEXTO CAPITALISTA: AS IDEOLOGIAS A SEREM SUPERADAS NA SUPREMACIA DO HOMEM SOBRE A MULHER. ....	14
1.2 A SOCIABILIDADE CAPITALISTA DENTRO DAS ESTRUTURAS DA VALORIZAÇÃO EXACERBADA DO HOMEM E A SUBALTERNIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO DA MULHER NA LUTA POR SEUS DIREITOS.....	21
<b>CAPÍTULO II: “NEM SANTA, NEM PUTA: MULHER” - AS CONSEQUÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DA OBJETIFICAÇÃO FEMININA COMO FORMA DE DOMINAÇÃO E DESCONFIGURAÇÃO DA MULHER</b> .....	<b>30</b>
2.1 SEXUALIDADE CONSTRUÍDA ATRAVÉS DE SEGMENTOS DE UMA CULTURA, DE GÊNEROS E CORPOS COM ASPECTOS SOBRE A SUBJETIVIDADE EM CONSTRUÇÃO. ....	30
2.2 OS REFLEXOS DAS CONSEQUÊNCIAS DA OBJETIFICAÇÃO DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE. ....	35
<b>CAPÍTULO III: “NOSSA LUTA É TODO DIA, SOMOS MULHERES E NÃO MERCADORIA”: PONDERAÇÃO DA REIFICAÇÃO FEMININA E AS COMPLEXIDADES QUE SÃO INFRINGIDA A ESSE MODELO</b> .....	<b>40</b>
3.1 CARACTERIZAÇÕES DO CAMPO DE ESTÁGIO NO CENTRO DE REFERÊNCIA DA MULHER- CRM.....	41
3.2 PROCEDIMENTOS PARA O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA .....	44
3.3 A LUTA DAS MULHERES E SUAS COMPLEXIDADES INFLIGIDAS SOBRE A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA MÚSICA TRISTE, LOUCA OU MÁ (FRANCISCO, EL HOMBRE) .....	47
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

O processo de pesquisa atentasse as aplicações que foram registradas em um processo histórico e social, em que a mulher é posta como ser inferior e submissa ao homem, tendo em vista entender a realidade que se permeia no mundo feminino. O corpo, as ideologias e as culturas que estão em torno da figura feminina e ocorre a retificação de acordo com os ritmos das mudanças impostas na sociedade.

A mulher se encontra dentro de uma cultura patriarcal onde são postas ideologias, e as diversas complexidades imposta a sexualidade entre masculino e feminino, o homem como provedor do lar e ao longo da história humana, os registros mostram que há uma estrutura social baseada na subordinação das mulheres ao domínio dos homens.

No contexto do surgimento da propriedade privada, a estrutura patriarcal se fortaleceu e se impôs como uma família monogâmica. Desde então, a virgindade antes do casamento tornou-se os requisitos de uma vida de casado bem-sucedido e garantem que os homens passem passividade das mulheres, controle sobre seus corpos e sua legitimidade.

Portanto, o mundo é dividido de acordo com o sexo, como forma de consolidar o patriarcado como espaço histórico do poder masculino. Isto a dicotomia de espaço público e espaço privado também legitima o espaço, na segunda parte, a família é voltada para as mulheres, com base na ordem natural das coisas. Portanto, a infiltração no processo histórico. Cultivar e influenciar o modelo de socialização incluindo mulheres e homens de papel assimétrico.

Nesse sentido, desenvolvimento social e industrialização permitem que as relações familiares mudem e dê um novo significado a algumas pessoas, o papel ainda é assimétrico e injusto. A fim de investigar, o objetivo é vincular o histórico em que se encontra a mulher enquanto ser dentro da sociedade.

Esta monografia será dividida em três capítulos. Em um primeiro momento a pesquisa apontará a opressão do patriarcado sobre as mulheres e fazendo alguns relatos da resistência e busca por direitos que são estabelecidos pelo movimento social. Portanto, existem duas subseções: a condição de ser mulher, na qual irá analisar o ambiente histórico, social e cultural submeter e construir condições para as mulheres na sociedade contemporânea.

Portanto no Capítulo 2, trataremos da influência de novos meios capitalistas para expor o gênero feminino em que sua imagem tem mais voz do que seus próprios sentimentos. Em relação ao complexo de inferioridade na vida das mulheres e a opressão de uma determinada beleza, também tem se imposto como forma de violência estrutural, incluindo emocional, psicológica, física, e sendo a mais explícita a de cunho sexual, porque a responsabilidade das mulheres e está relacionado à sua passividade, estando ligado ao fato de uma pessoa não realizar ou fazer coisas por si mesma, deixando para que outras pessoas façam isso por elas.

Neste caso, no segundo subcapítulo o representante do gênero feminino vista em novo contexto histórico, com mais autonomia para se enquadrar na sociedade, e por outro ponto de vista a feminilidade da imagem feminina ocorre de acordo com o controle sexual, econômico e político são entendidos como a reprodução de um ser o ideal de uma mulher.

Nesse sentido, discutimos brevemente a globalização do mundo Capitalismo neoliberal, cujo sistema torna possível a competição e a mudança Sistema de expressão, convivência e interação social. Por esse motivo, a sociedade capitalista é baseada na acumulação de lucros, a inclusão da mulher no mundo do trabalho com salários inferiores aos homens, e a exploração da imagem e o corpo da mulher dá continuidade ao patriarcado.

## **CAPÍTULO I- “NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE MULHER”: O REFLEXO HISTÓRICO DE UM LEGADO NO QUAL MULHER É VISTA COMO INFERIOR E SUBMISSA AO HOMEM.**

*“Quando uma mulher entra na política, muda a mulher. Quando muitas mulheres entram na política, muda a política”.*

*(Michelle Bachelet, ex-presidente do Chile).*

Esse espaço explora acerca de uma análise de fundamentos que dará referência ao norteamento do trabalho, promovendo o embasamento sobre o contexto da historicidade em que a mulher se apresenta dentro da sociedade capitalista, com traços holísticos que buscam um entendimento integral dos fenômenos entre a questão de gênero, abrindo uma discussão sobre as ideologias voltadas para o mundo

feminino, havendo uma discussão acerca dos princípios impostos pela sociedade, de forma a explicar a supremacia do homem sobre a mulher e a cultura por trás do patriarcalismo.

Dando ênfase a esse embasamento teórico, é necessária uma compreensão do modo como o período de submissão da mulher afetou seu modo de vida, e as dificuldades enfrentadas para sair do âmbito doméstico. E diante desse exposto, se faz necessário à compreensão das diversas vertentes a serem enfrentadas no meio feminino, na luta por seus direitos como cidadã, no mundo do trabalho e sobre sua sexualidade.

### 1.1 AS PRINCIPAIS LUTAS E CONQUISTAS NO CONTEXTO CAPITALISTA: AS IDEOLOGIAS A SEREM SUPERADAS NA SUPREMACIA DO HOMEM SOBRE A MULHER.

Para melhor compreensão acerca da discussão, se faz necessário traçar um marco histórico diante das relações de desigualdade, construindo assim um pensamento apurado das relevâncias do contexto abordado sobre a contemporaneidade. Sendo necessário mencionar pontos através da historicidade, de modo a compreender a divisão dos papéis entre homens e mulheres, sendo questionada a forma como é inserida na sociedade.

A construção de um modelo cultural dentro de uma sociedade pode ser introduzida a partir dos mais diversos sentidos e pensamentos acerca das relações sociais, sendo o resultado de regras e normas para um conjunto de grupos sociais conviverem entre si. No pensamento de Ferreira (1986), a cultura é considerada um complexo de padrões de comportamentos sociais, de crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade (FERREIRA, 1986. p.508).

Dentro da linha de raciocínio de Ferreira, analisa-se através da cultura que repercute em torno de um período histórico em que a mulher é inserida aos seus padrões de comportamentos, como as crenças e valores que são influenciados e impostos para que sejam reproduzidos. Isso se refere aos diferentes modos culturais, podendo ser repercutida na sociedade, onde vai se abrangendo e sendo compartilhada pelas diferentes gerações.

Segundo Foucault (1999), “cada cultura tem seu limiar particular e ela evolui com a configuração dessa cultura”, a partir desse raciocínio de como serão expressas dentro das suas ideologias no qual sofrendo modificações nos amplos campos da coletividade, tanto em meios sociais como políticos e econômicos, em que cada uma seguiu suas estruturas. Essa determinação de vida através da coletividade pode ser entendida através da ideia dessa perspectiva de Foucault (1999. p. 89).

A forma que condiciona um pensamento dentro de uma cultura ela vai se transformando e se vinculando a sociedade, com isso suas condutas vão se alocando nas vidas das pessoas, fazendo transcender reações nos seus comportamentos, mas isso vai depender da situação em que se vivencia o período histórico, sendo exemplo à forma como a imagem da mulher se modifica ao longo do tempo, fazendo com que siga parâmetros de comportamento que a cultura expressa no momento.

Não é suficiente definir uma cultura como o modo de vida de qualquer sociedade. Este modo de vida inclui inúmeros detalhes e conduta, mas todos eles têm certos fatores em comum. Todos representam a reação normal e antecipada de qualquer dos membros da sociedade a uma situação particular (LINTON, 1999. p. 31).

Uma das formas de compreender essa relação da cultura na vida do indivíduo é a de assimilar e ser interpretado dentro da sociedade pelas suas ações e dependendo da posição que é ocupada dentro das relações sociais e se encontre a um valor comum. O homem tem que cumprir suas obrigações impostas quanto à necessidade das ideologias de uma cultura que exige sua posição, a imagem de provedor das necessidades do lar.

Dentro das relações de gênero, essa posição tomada pelo homem seria a de domínio sobre as relações femininas, onde desempenhava rígidos papéis em que o homem tinha total domínio sobre a mulher, e o de trabalhar para dar sustento a família, provedor de ordem e domínio do lar, enquanto sua esposa é vista como seu objeto de satisfação e de reprodução de filhos e cuidadora do ambiente doméstico.

Nas relações históricas observa-se que as sociedades civilizadas perpassam por infinitos e distintos modos a serem discutidos, mesmo antes do patriarcado em que haja as formas iniciais de domínio nas sociedades em relação à terra e a sexualização ao corpo feminino. Pode ser considerado oriundo a agricultura que diante do trabalho com funções de uma mãe, esposa e cuidadora que desencadeia a desigualdade, mas não sendo tão rígida (LERNER, 2015).

Esse momento pode ser marcado pelo período neolítico, no surgimento da agricultura pode ser classificado como o fruto da divisão de papéis entre o gênero feminino e o masculino, em que a mulher era geradora dos filhos e cuidadora do ambiente doméstico dentro da sociedade agrícola, já tinha uma especificidade do seu papel dentro do âmbito familiar, esse período ficou marcado entre os anos 8.000 a 4.000.

Com isso, dentro dos parâmetros capitalistas com a nova colonização europeia no Brasil são chegados novos modelos de cultura, em que a mulher vai perdendo sua liberdade dentro da sociedade Brasileira. Desse modo, considera-se que as formas de se explicar o processo de historicidade a ser discorrido dentro da perspectiva feminina, pode resultar em distintos contextos. Sendo perpetuado o patriarcalismo, que de certo modo torna-se o grande impasse para as mulheres, onde será denominado domínio e poder ao homem no âmbito familiar.

O patriarcado é um conceito usado em ciência política e sociologia. Para Weber (1991), o patriarcado é uma forma primitiva de dominação, incluindo "a possibilidade de impor a própria vontade sobre o comportamento dos outros". Nesse caso, a autoridade do patrão (pai) se sobrepõe aos demais membros da família, que é entendida como pai, mãe e filho (WEBER, 1991. p. 187).

O patriarcado é, por conseguinte, uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação. Este só pode, então, se configurar em uma relação social. Pressupõe-se, assim, a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador (es) e dominado (s) (CUNHA, 2014, p.154).

Nesse sentido, percebe-se o poder que o homem exercia sobre a mulher, sendo vista como uma mera reprodutora de vida, e a tributo para a sexualidade do homem. Eram privadas de funções nas questões políticas e econômicas. No entanto, devido a um processo de construção histórica, sendo encarregadas pelos trabalhos domésticos e funções de esposa e mãe, é imposto que as mulheres tenham novas formas de comportamento, de forma a preservar uma imagem com caráter conservador dentro das suas tradições da cultura patriarcal.

Isso torna o homem como chefe e dominador, de forma que suas obrigações é cuidar e controlar os meios econômicos e familiares, e a mulher torna-se se o sexo frágil e incapaz de exercer o papel de poder. Ênfase dada a esse processo de pré-capitalismo, onde surgiu o patriarcado intimamente ligado à sexualidade feminina, no



qual o homem é o ser com o poder supremo fazendo com que tudo gire em torno dos seus interesses.

Presume-se que existem pelo menos dois temas, o dominador e dominante. Como sujeito, eles estão sempre ativos. Portanto, a ideologia do sexíssimo está incorporada nos sujeitos sociais dos dois aspectos de dominação e subordinação. As mulheres também desempenham mais ou menos as funções de patriarcas e disciplinam seus filhos ou jovens de acordo com a lei do pai. Mesmo que o patriarca não participe disso, elas também contribuem para o patriarcado (SAFFIOTI, 2004a, p.102).

Mulheres são vistas como seres inferiores e submissos, essa crença inviabiliza a igualdade entre gêneros, uma vez que reduz o feminino a um objeto inanimado e sem emoções. No âmbito das relações de trabalho, esse modelo se fundamentava na ideia de que o homem/genitor do lar é quem deveria prover o sustento de sua família. Enquanto os homens procuravam se inserir no mercado de trabalho, as mulheres eram as responsáveis pelo trabalho doméstico e pelo cuidado com os filhos. Com estes ensinamentos culturais, as mulheres permaneceram excluídas da maior parte dos ramos da sociedade por vários séculos, inclusive da vida política, social e religiosa.

Dentro dos modelos capitalistas, surge o processo de industrialização, marcado pela propriedade privada dos meios de produção, em que o homem dentro das ideologias conservadora passa a estimular o poder e posse sobre a sexualidade feminina, além da sua castidade como preparação para o casamento em favor de interesses do sexo masculino (LERNER, 1989 p.43 apud NARVAZ & KOLLER, 2006).

Com o desenvolvimento das classes sociais e a supremacia do homem como herdeiro e chefe da família, entrelaça-se a um processo nas relações familiares e a máxima repressão dos homens sobre as mulheres, em que são vistas como consumo não podendo possuir suas propriedades. Dentro da sociedade são impostos papéis específicos no que desrespeito aos gêneros, no qual, a gênese dessas famílias é conhecida como monogâmica.

A religião tem grande influência nessa questão, era necessário que as famílias estivessem no ato religioso, seguindo os mandamentos Bíblicos, os votos de castidade seriam para moças puras para o controle do seu corpo. Portanto, impedindo a manifestação dos seus desejos sexuais, se tais condutas fossem descumpridas poderiam ficar vistas como mulheres impuras.

Para Sérgio Lessa (2012), às mulheres no formato de matrimônio servem de duas formas, ou como propriedade ou como prostituta. Nessa linha de raciocínio a mulher torna-se uma condição manipulável, que visa um comportamento instituído perante a sociedade, sendo tomadas as decisões como se não conseguisse atribuir sentido a sua própria vida (LESSA, 2012).

Logo, esse tratado implica em um momento de grande opressão às mulheres no sistema social, onde o homem deve ter domínio feminino, e que de tal forma faça com que seja um objeto de manipulação e subordinação. E, caso essa normatização do papel feminino dentro das regras do marido seja descumprida, suas vontades e desejos não são levados em conta.

Partindo desses pressupostos teóricos, dentro da visão do patriarcado, pode ser mantido na economia doméstica organizada, que é um meio necessário para garantir a produção e reprodução diária da vida. Estabeleceu-se o seu próprio tratado masculino para garantir a opressão das mulheres, tornando-as objetos de gratificação sexual, e os órgãos genitais para criação de seus herdeiros, e força de trabalho (SAFFIOTI, 2004b. p.105).

Dentro da lógica de estudo entende-se que uma grande linha de tempo o patriarcado vai se estruturando e tomando forma irregular e autocrática nas desigualdades de gênero, sendo intensificado e articulado durante séculos, e sendo prejudicial pela forma que a mulher é colocada como um sujeito dominado e como um objeto de uso.

Para Aguiar (2015), o pensamento sociológico da história do patriarcado colonial, a figura do homem era vista como responsável e autoritário, em que impõe máxima autoridade em sua casa, chegando a ser violento e agressivo com a mulher. Esse poder que era exercido ao homem implica a mulher como mero produto, tendo em vista o poder sobre o corpo da mulher. Mulheres puras eram vistas como símbolo de virtude e submissão, ideais para casar, para ter filhos, tinha a necessidade de se guardar até o casamento.

Evidencia-se que esse poder autoritário imposto na sociedade não só tirava a autonomia da mulher como também proporciona atos violentos, esse controle do corpo feminino implica de diversas formas, tanto na de cuidados com sua virgindade como de estupro e prostituição. Esses paradigmas giravam em torno do uso do corpo feminino um produto a ser usado da forma que homem se agrada.

Saffioti (2015) questiona o poder que os homens exercem sobre a mulher dentro do âmbito familiar, onde são vistas como pessoas dominadas e exploradas, no sistema patriarcal. Para a autora, a legitimidade dada ao sistema patriarcal naturaliza as ações perpetuando a desigualdade entre homens e mulheres. Através dessa perspectiva, essa naturalização pode ocasionar danos à integridade física, emocional, sexual, psicológica e simbólica da mulher.

E com essa naturalização que se é exercido o poder a partir do domínio do homem nas relações econômicas principalmente no âmbito familiar, subentende-se a uma relação de violência. Essas violências se adequam tanto dentro âmbito familiar como ao público, sendo inerente a uma resignação de constante intimidação das agressões do sexo masculino, mas que não são tomadas providencias sobre situação pela grande legitimação que o conjugue tem sobre sua esposa.

Dentro dos parâmetros judiciais, essa relação de subordinação e dominação, as vidas das mulheres levaram as mesmas a negar as violências sofridas e a se culpabilizar pelas agressões, não tendo uma intervenção dentro do âmbito privado. Com isso, leva-se a pensar que por muito tempo as mulheres se tornam prisioneiras dentro do seu próprio lar. E com essa perspectiva ver a realidade do jurídico como forma antagônica de ligação ao patriarcado e ao capitalismo. Fechando os olhos para a prostituição feminina e a exploração sexual, permitindo a hiper-sexualização dos corpos das mulheres negras, ignorando a desvalorização do trabalho feminino (SAFFIOTI, 2004. p. 75).

Em relação a essa “naturalização” da dominação torna-se um grande empecilho para o enfrentamento das desigualdades de gênero, onde se encontram injustiças que deveriam ser consideradas infrações, mas são tratadas como natural, com reflexos de uma categoria machista ligada a um sistema capitalista de influência do patriarcado. E que, dentro da sociedade as mulheres estão sempre em segundo plano, e que da forma que vai se modificando o modo capitalista haverá novos meios de discriminação contra a mulher.

Nessa perspectiva, há a perpetuação de uma grande diferença nas desigualdades sexuais, cujo complexo de fenômenos opressivos articula a inferioridade, a discriminação, a dependência e a subordinação das mulheres, tornando-as reclusa de sua condição genérica e de suas situações inerentes de vida.

A sociedade está definida para encerrar e estimular as mulheres para que representem um número reduzido de conhecimento cultural, principalmente que

estejam afastadas da possibilidade de compreensão dos motivos das opiniões dominantes na sociedade, uma vez que são os condicionantes de suas vidas particulares. Esses grupos e esses modos de vida são conhecidos porque são especificidades sociais e culturais das mulheres, que se configuram por alguma característica subjetiva decorrente da condição de ser mulher (LAGARDE, p.140).

Na perspectiva do pensamento de Marcela Lagarde, a figura da mulher dentro de interesses socioculturais implica na dupla opressão na relação e o modo de exploração dando resultado das complexas relações de exploração, cujas particularidades dependem do lugar que ocupam nas cadeias de produção e reprodução em que estão imersas, bem como das características de controle sobre seus corpos e sua sexualidade. Sendo repercutidas as consequências da sua posição de classe (LAGARDE, p.103).

O Patriarcado não se explora apenas nas relações femininas, onde delega o poder do homem sobre tal, mas também é vinculado aos diferentes tipos de desigualdade tanto racista como classista. Tratadas como inferiores, dependendo de qual seja sua posição nas relações sócias elas estão sempre vinculadas às várias facetas que lhes foram propostas ao longo do tempo.

Godelier (1982) abarcou a hipótese de que em todas as sociedades que existissem na época, mesmo as mais igualitárias, sempre existirão uma hierarquia entre os poderes, segundo a qual os poderes finais eram de pertencimento à figura masculina. O fato é que, há milênios a mulher é o ser mais humilhado e oprimido entre todos os desprivilegiados.

O combate à exclusão e às desigualdades variou ao longo do tempo, com protagonistas diferentes. Há vários feminismos, com diversidade e heterogeneidade entre as mulheres e suas demandas. A luta de mulheres contra as estruturas de opressão assim como a reflexão e elaboração crítica sobre a condição de desigualdade a que estiveram historicamente submetidas, assim, antecede a palavra feminismo e a existência de um movimento feminista organizado.

Entretanto, o feminismo que vem atuando desde século XIX, questiona em distintas esferas o patriarcado, na construção de um sujeito coletivo, já que ao mediar a história de um saber masculino com a história de um sujeito ausente, trabalha na estruturação de uma referência teórica não antropocêntrica, que considere as mulheres como protagonistas de suas vidas (LAGARDE p.47-50).

Nesse tocante, o feminismo mostra uma fuga das ideologias impostas à sociedade patriarcal, que prevê a igualdade política entre mulheres, esse movimento impulsionou a posicionamentos das mulheres dentro das mudanças políticas e sociais. Esse contexto busca desenvolver um tipo de superioridade feminina e a tentativa de reivindicações de direitos e igualdade entre os gêneros.

Com esse suporte de reivindicações, o combate à exclusão a sublinhar que a mulher e as mulheres não são sinônimas, e sim categorias com significados específicos e com distintas representações. Desse modo, a categoria ser mulher é geral, é o essencial a todas nas mais diversas sociedades, um eixo da vida social, da feminilidade e da identidade feminina. Por conseguinte, as mulheres são a categoria que as expressa de modo particular todas e cada uma, seu conteúdo é a existência social das mulheres. Para que, finalmente, cada mulher (cada sujeito) seja definida pela síntese da sua condição e de sua situação específica (LAGARDE. p. 81).

Não se podem ignorar as lutas feministas de resistência em prol dos direitos humanos indispensáveis que abrangem o gênero em questão, referindo-se à identidade adotada por uma pessoa de acordo com seus genitais, seu papel na sociedade, suas diferenças sociais, e papéis adotados pelo sentir, pensar e agir.

## 1.2 A SOCIABILIDADE CAPITALISTA DENTRO DAS ESTRUTURAS DA VALORIZAÇÃO EXACERBADA DO HOMEM E A SUBALTERNIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO DA MULHER NA LUTA POR SEUS DIREITOS

Dando embasamento ao exposto até o momento, será feita a análise mediante o que foi discorrido enfatizando as lutas que foram postas durante um período relutante da busca por igualdade nas relações de gênero, enfatizando os principais efeitos que a desigualdades proporcionaram tornando difícil a luta feminista em busca da liberdade e dos direitos.

A partir do desfecho, acerca do que foi publicado até agora e estudar a igualdade do ponto de vista feminista, é necessário fazer referência à obra “O contrato social”, da escritora Carol Pateman, publicado no ano de 1988, ainda dentro das características do patriarcado de um ideal social de “toda humanidade” é essencialmente marcado e instruído nas limitações masculinas (PATEMAN, 1993, p.61).

A escritora feminista acredita que o patriarcado é o pai que consolidou as relações de poder na esfera política e exclui as mulheres, desobediência no espaço público, em áreas regidas pelos princípios da liberdade universal e da igualdade. Vale a pena ressaltar que antes de continuar esse espaço não nos permite entrar nos detalhes do treinamento de Pateman explicou o contrato social, portanto, pensando em uma teoria para melhor compreensão, ao expor a origem da dicotomia entre o público e público particular, insere-se o contexto doméstico.

Nessa lógica, nos modos de tratamento entre os gêneros ocorrem mudanças que implicará a um novo com contexto capitalista, mas que não se quebra os estigmas culturais, a mulher ela só vai ser inserida como parte estruturante da exploração e da mão de obra, juntamente com novas bandeiras a serem questionada tanto no mundo político como no econômico.

Assim, os modelos de corpo também seguiram as mudanças significativas da história e da cultura, sendo orientados pelos interesses do sistema capitalista, que de acordo com Ferreira (1986), é um regime social em que os meios de produção constituem a propriedade privada, pertencente aos detentores do capital. Ou seja, quanto mais produz, mais valor possui o capitalista, dono dos meios de produção. Portanto, o modelo de corpo também segue grandes mudanças na história e na cultura e é pautado pelos interesses do sistema capitalista.

Estabelece-se as relações de classes sociais e as lutas que são desenvolvidas, em que o sistema se estabelece não apenas a uma parte da sociedade, mas sim a partir do envolvimento como um todo. E, esse sistema só foi criado pelo aumento no mundo do trabalho, com isso terá o envolvimento da classe trabalhadora, em que a burguesia busca apenas o lucro, forçando longas jornadas de trabalho em função da mais valia.

De acordo com Ferreira (1986), dentro de uma lógica em que a mulher se encontrará em novo processo da sua imagem, afrontando o lado arcaico em que a mesma era tida como um ser manipulável e domesticado, não será tão diferente do novo sistema social em que os meios de produção constituem propriedade privada e pertencem aos detentores do capital. Ou seja, quanto mais produz maior é o valor dos capitalistas, proprietários dos meios de produção, e dessa forma vai se perpetuando dentro da sociedade. Uma classe vende sua força de trabalho para o seu sustento, enquanto a outra é detentora do meio de produção.

Sob o domínio do capital em qualquer de suas variedades e não apenas hoje, mas enquanto os imperativos desse sistema continuar a determinar as formas e os limites da reprodução sociometabólica - a 'igualdade de mulheres' não passa de simples falsa admissão (MÉSZÁROS, 2002, p. 301, grifo do autor).

Com isso, a mulher torna-se subsidiária de uma classe de exploração do homem pelo homem, levando em conta que a mulher será tratada de forma desigual em qualquer âmbito. Sua inserção em um primeiro momento no mercado de trabalho foi fomentada pela ideia de contribuição dos gastos financeiros do lar. Os interesses da mão de obra feminina era a redução das impressões e com salários de acordo com os moldes capitalistas.

A mão de obra feminina era desvalorizada, sofrendo muitas desvantagens no mundo do trabalho, com salários inferiores, e por ser considerada uma figura frágil sendo que dentro do trabalho fabril as mulheres produziam o mesmo que o homem, mas, a valorização da labuta era sempre designada ao sexo masculino, a quem era oferecido cargos melhores. Percebe-se que os estigmas dessa cultura ainda se permeiam nas relações de gênero, a modernidade no mundo do trabalho só faz dificultar ainda mais essa equidade.

Segundo o autor, “as versões tradicionais da teoria do contrato social não examinam toda a história, e os teóricos contemporâneos do contrato não dão nenhuma indicação de que metade do acordo está faltando”. É fácil se restabelecer na sociedade moderna por meio da nova sociedade civil, criada pelo contrato original como a ordem social mais recente, mas, inevitavelmente sua origem ainda é o patriarcado (PATEMAN, 2013. p. 140-142).

Para isso, todas as sociedades civis criadas pelo contrato social terão raízes do patriarcado, tendo em vista a proteção das liberdades públicas de que gozam a obediência da mulher. Normalmente, a teoria do contrato social é apresentada como um pedaço da história. Em relação à liberdade, duas delas são suas principais explicações.

Para compreensão no processo de luta contra a dominação e a exploração do homem sobre a mulher dentro da visão capitalista vivenciada no Brasil, é necessário perceber as mudanças na modernização e os avanços que a sociedade perpassa de forma que as mulheres começam a sair do campo e ganhar mais visibilidade nas cidades grandes. Dessa forma, as mulheres passam a ter mais capacidades de viver em sociedade e não somente no lar.

Com o declínio do sistema patriarcal no Brasil entre o final do XIX, as mulheres começaram a ganhar força, havendo também o enfraquecimento do patriarcado. De acordo com Costa Melo (1999), esta época em que o Brasil se torna federação, em que poderá constituir sua própria constituição, eleger seus governantes, realizar empréstimos no interior, decretar imposto e organizar suas forças militares.

Com a fraqueza nas relações do modelo patriarcal, começa-se uma nova era de modernização e tecnologia, as indústrias ganham força com novas profissões em que o capital começa a ganhar força nas cidades. É nessa compreensão que se entra o processo de luta pelo fim da opressão, mas não tão somente por isso, uma luta por igualdade e oportunidade, esses movimentos feministas não somente implica em adentrar nas relações gênero, mas como também no mundo do trabalho, como uma democracia representativa com intervenção e movimentos sociais, sindicatos e partidos políticos.

Em meio a essa busca por emancipação, são destacados os movimentos que buscam enfrentar a múltipla desigualdade, que se espalhou em várias cidades ganhando visibilidade nos debates e nas mídias. Os primeiros movimentos feministas foram formados por mulheres de classe média que lutavam por direito ao voto, trabalho profissionais, busca de sua asserção no cenário político e econômico. E sua valorização aos direitos à educação, divórcio e igualdade de salário. Dentro do contexto social e que se abrange para as questões políticas e econômicas, em que são encontrados muitos desafios. E com essa mudança as mulheres estão mais tão limitadas, assim estão mais acessíveis os seus desejos e a sua autonomia sobre seu corpo.

É necessário salientar as grandes dificuldades encontradas pelas relações para sua legitimação quanto à mulher e os aspectos do marxismo. Nessa perspectiva dentro da lógica de Lobo (1991) ele ressalta que a classe trabalhadora tem dois sexos onde entendesse a forma que se varia as lógicas das divisões sexuais e a complexidade que as mulheres enfrentam.

Essas relações de gênero dentro dos novos parâmetros capitalistas influenciam o pensamento do estado e a forma que irá responder a tal questão, e como o estado faz uma junta ligação com os moldes capitalista essa nova questão pode sim ser ignorada, e assim sendo levando em conta os interesses do homem como relevância. Contudo, abre-se um leque de amplitudes nas relações sociais e não somente nas relações femininas, mas também nas diversas expressões da questão social.



O estado é omissivo com as questões trabalhistas em relação a mulher, onde ela deveria trabalhar e ganhar menos, por não ter uma força física igual à do homem, ou pela sua capacidade de reprodução, ela poderia precisar se resguardar por uma gravidez ou por estar amamentando, sendo compreendida como a cuidadora do lar. Contudo, as mulheres são expostas a longas horas de trabalho, estando entre 14, 15 ou 16 horas diárias, de forma insalubre causando até mesmo um grande desgaste físico (NASCIMENTO, 2010. p.39).

Pensando em contexto amplo, a forma que as mulheres são postas na sociedade nos mais distintos modos, sempre haverá um questionamento da sua inserção, sendo julgada pelas necessidades domésticas e biológicas, podemos pensar em ocupações como as mulheres estão sempre relacionadas ao papel da mulher na família, segundo Por exemplo: cuidar e educar crianças, administrar e realizar tarefas diárias domésticas. Contudo imaginamos que sempre é posta como desfavorecidas relações sociais.

Esses desafios impostos na nova modernidade se agregam nas palavras de Araújo (2000, p.70) afirma que:

Um dos desafios para o marxismo tem sido o de incorporar a complexidade e as dimensões de conflitos que foram surgindo com a modernidade, gerando diversidade de sujeitos políticos e conformando manifestações variadas de subjetividade e interesses, com dimensões políticas específicas (ARAÚJO, 2000. p. 65-70).

Em relação à política de delineamento, a intervenção do movimento feminista como sujeito político coletivo é de considerável importância. O movimento feminista que é diversificado e apresenta uma trajetória não linear, ora conquistou suas demandas, ora acumulou fracassos na dinâmica da luta social. A luta que vem ocorrendo no Brasil e na história do mundo visa a mudança das condições das mulheres e a efetivação de seus direitos por meio de uma série de medidas objetivas e subjetivas que contribuem para o combate às diversas formas de repressão.

Segundo Couto (1995.p.63), esse processo que pode ser denominado de “domesticação do corpo”, ocorre de forma violenta e indiscriminada, tornando o corpo um objeto passível de manipulação. Para o capitalismo, o corpo e o desejo sexual devem ser controlados para formar um trabalhador manso que obedeça à sua disciplina. Como resultado, seu corpo passou a ser utilizado como meio para atingir um fim, a produção industrial, no qual ficou sujeito ao sistema vigente.

Diante dessas mudanças no corpo feminino na sociedade brasileira ainda existem características relacionadas à cultura conservadora patriarcal nesta cultura, um homem é chefiado por sua família, cercado por sua família, exercendo seu domínio, e uma mulher desempenha funções específicas. O papel de dona de casa e mãe, embora as pessoas tenham uma maior consciência de sua independência, mas que, no entanto, causa uma sobrecarga sobre a mulher.

O feminismo veio para somar, ganhou ainda mais força nos séculos XIX e XX, pois o século XVII fora marcado pela desigualdade dos direitos da mulher, mas nem todos os problemas foram resolvidos, a partir desse momento é necessário compreender as condições imposta pelo capitalismo para que a mulher seja posta no mundo do trabalho e o pensamento de submissão.

Nesse sistema os operários eram postos a horas exaustivas e um árduo trabalho fabril tanto entre mulheres, crianças e homens. Era necessário reivindicar por melhores salários, a proibição do trabalho infantil, e a diminuição da jornada de trabalho, com isso são postos movimentos e sindicatos para o enfrentamento das questões.

Um das greves feministas, mas conhecidas entre os países não ocorreu no Brasil, saiu um pouco das estruturas brasileiras, mas que de certa forma repercutiu no país. Dia 8 de março é conhecido como o dia internacional da mulher, essa data lembra um marco muito importante, e hoje é vista como uma data comemorativa sendo presenteadas com flores, mas que na verdade oculta o questionamento do patriarcado, porém seus significados trazem reivindicações e uma grande catástrofe na cidade de nova York (BLAY, 2001).

Na linha de raciocínio Sanders (1987, p. 394), em 25 de março de 1911, eram 17 horas de um sábado, quando todos estavam trabalhando, um incêndio interrompeu na Triangle Shirt Company, localizada na esquina da Green Street com a Washington Square. O triângulo ocupa os três últimos andares de um prédio de dez andares. O piso e as divisórias são de madeira, forrados com muito tecido e cascalho, e a instalação elétrica também é arriscada. Quando o incêndio começou, os portões de algumas fábricas foram fechados. Tudo contribuiu para a rápida propagação do fogo.

A Triangle emprega 600 funcionários do sexo masculino e feminino, a maioria dos quais mulheres imigrantes judias e italianas, jovens com idades entre 13 e 23 anos. Alguns trabalhadores fugiram do incêndio e conseguiram subir as escadas, descer para a rua ou para o telhado. Mas a fumaça e o fogo ficaram cada vez maiores,

e os trabalhadores pularam pelas janelas e morreram. Outros morreram da própria máquina. Os agressores publicaram depoimentos de testemunhas terríveis, e muitas fotos (HOWE & LIBO, 1979. p. 186.)

Na década de 1960, o dia 8 de março foi memorável para o Dia da Mulher e será considerado um dia sagrado nas próximas décadas, pois antes desse terrível incêndio já havia se pensado em uma data que se pensasse sobre a legitimidade feminina. Obviamente, essa escolha não é fruto de um incêndio Triangle, embora esse fato tenha se somado a uma série de enormes problemas enfrentados pelas mulheres trabalhadoras no ambiente de trabalho, na vida sindical e nas perseguições desencadeadas pelas demandas da justiça.

A grande líder do feminismo brasileiro, Berta Lutz, convocou um grupo de mulheres burguesas para promover essa exigência. No início dos anos 1920, eles sobrevoaram o Rio de Janeiro com ousadia e jogando papéis, pedindo às mulheres que lutassem pelo direito ao voto! Eles pressionaram deputados federais e senadores e se dirigiram ao presidente Getúlio Vargas (Getúlio Vargas). Afinal, ele concedeu às mulheres o direito de voto em 1933 e foi garantido na constituição de 1934, mas só foi implementado com o colapso da ditadura de Getúlio Vargas, quando as mulheres brasileiras votaram pela primeira vez em 1945 (ALVES, 1980).

Ressalta-se que é necessária uma luta pelo enfrentamento dos seus direitos, luta essa que repercute até os dias atuais.

O Feminismo militante no Brasil, que começou aparecer nas ruas, dando visibilidade à questão da mulher, surge, naquele momento, sobretudo, como consequência da resistência das mulheres à ditadura, depois da derrota das que acreditaram na luta armada e com o sentido de elaborar politicamente essa derrota (SARTI, 2004. p. 37).

Era necessário que as mulheres se unissem para reivindicar os seus direitos, e a inserção de políticas públicas. É necessário o empoderamento para que assim possa fortalecer os movimentos femininos que almejam seus direitos e desenvolver a igualdade de gênero, que se torna relutante de modo que as mulheres ainda representam a minoria. O movimento feminista foi sendo reforçado a partir do ano de 1980, sendo estruturado com pautas a ser questionadas sendo levadas em consideração as questões como a homossexualidade e a luta pela igualdade racial. Dessa forma muitos grupos se identificaram com os movimentos feministas.

O período em destaque ansiava a necessidade de emergir políticas que contribuam para a elevação dos movimentos para que possa repercutir a motivação das bandeiras levantadas, e seus posicionamentos de forma que sirva para fortalecimento de seus direitos sejam sancionados, como o combate à violência contra a mulher, a sexualidade e sua inserção na cidadania (COSTA, 2005. p. 3).

A perspectiva da totalidade feminina pode contribuir no processo de redemocratização do país, em um momento do ápice dos movimentos. E a sua pouca inserção no meio político deveria ser repensada, devendo ter um posicionamento do estado. Levando o movimento e aprofundando o debate interno sobre sua autonomia. As mulheres começaram a batalha pela sua participação nas políticas, em 1928 foi sancionado o primeiro voto feminino, dentro da Constituição Brasileira de 1934.

Na década de 1990, o Brasil presenciou a implementação e aprofundamento da política neoliberal iniciada pelo governo mineiro em 1991, e reiniciou seus esforços em 1994. Naquela época, com o aprofundamento das mudanças, a eleição de Fernando Henrique Cardoso se intensificou. O país em ação é caracterizado por projetos de contra- reforma.

Com a política, o movimento feminista interferiu nas agendas dos sindicatos e partidos de esquerda e, gradativamente, interferiu na política social. Na década de 1980, também foi criada a primeira delegacia dedicada à mulher, e suas instituições profissionais eram compostas por mulheres. Além da campanha pela liberdade e soberania, a Assembleia Constituinte e as feministas também participaram da campanha para chamar a atenção dos eleitores para questões específicas das mulheres.

Nos anos de 2000, com a posse do governo Luiz Inácio Lula da Silva, foi criada a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), que tem como pauta as mulheres do país envolvidas em lutas históricas. Em 2004, a primeira Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres (CNPM) foi realizada de acordo com os requisitos da Conferência Nacional e da Sessão Plenária Municipal, com a presença de 1.787 delegadas e mais de 700 observadores e convidados.

A partir desse encontro, e de acordo com as diretrizes aprovadas na primeira reunião realizada, o Plano Nacional de Política da Mulher (PNPM) foi formulado em torno dos seguintes eixos estratégicos de atuação: “Autonomia e igualdade no trabalho e no mundo cívico; educação inclusiva e não sexual discriminação; Saúde da

mulher, direitos sexuais e reprodutivos; e combate à violência contra a mulher” (PNPM, 2005, online).

Essa política formula estratégias importantes para a diminuição da desigualdade entre homens e mulheres, onde será prestada assistência de forma a garantir a autonomia do sexo feminino como uma participante da cidadania, tornado forte influência para os movimentos, e levantando mais questionamentos sobre instituições que poderiam ser essenciais para a democratização e direitos a mulher.

Em agosto de 2006, foi promulgada a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006) que proíbe a violência contra a mulher. Em 2007, foi realizada a II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres e, conseqüentemente, construído o II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (II PNPM, 2008).

Esse mecanismo de defesa foi instituído após uma mulher sofrer violências perversas do seu companheiro, tentativas de assassinatos durante anos de tortura, conhecida como Maria da Penha, ela lutava pela sua defesa, e pela da justiça, mas, o sistema alegava irregularidade e p seu companheiro aguardava o julgamento em liberdade, desqualificando totalmente o sofrimento da mulher e dos movimentos em defesa delas.

É necessário compreender que a mulher é colocada na Cultura seguindo as normas impostas, sua função é cuidar da rotina do filho, cozinhar e satisfazer os desejos sexuais do marido. Sua definição nesse sistema é de submissão e aceitação, seus direitos são violados, sua voz e seu corpo não tem a liberdade para se expressar.

Devemos compreender que não é um julgamento entre os gêneros, mas sim mostrar a realidade que sempre esteve presente no mundo feminino, com modos diferentes, mas ainda sendo manipulável aos modos históricos que estão incluídas.

Com isso as mulheres viram a necessidade de lutar por políticas que incluíssem os seus direitos, e, através de movimentos sociais que mostrassem a força e a capacidade de se impor, quebrando assim os paradigmas de submissão e de atos violentos, dando maior legitimidade aos movimentos sociais femininos que rompem discursos violentos e priorizam os direitos das mulheres.

## **CAPÍTULO II- “NEM SANTA, NEM PUTA: MULHER” - AS CONSEQUÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DA OBJETIFICAÇÃO FEMININA COMO FORMA DE DOMINAÇÃO E DESCONFIGURAÇÃO DA MULHER.**

*"De saia curta, bermuda ou burca... a senzala do corpo é a tua mente suja"*

*(Natasha Félix)*

Dando embasamento ao exposto até aqui, temos em vista o início da causa feminista que por volta do XIX e início do século XX, será defendida a promoção da igualdade nos direitos contratuais e na oposição de casamentos arranjados e da propriedade de mulheres casadas. Até hoje a luta já passou por diversas fases e evoluções: passou pela luta pelo direito de voto e chegou à questão da sexualidade.

As críticas sobre questões como identidade e diferenças de gênero têm se tornado cada vez mais agudas. Por um lado, se forma certos comportamentos sexuais são mais ou menos comuns na história social, por outro lado, seguindo um ou outro ponto de vista, esses comportamentos têm sido utilizados pelo sujeito de outras formas que antes eram permitidas ou negadas aparecem em novas formas, afetando diretamente as leis, a moral e os arranjos sociais.

### **2.1 SEXUALIDADE CONSTRUÍDA ATRAVÉS DE SEGMENTOS DE UMA CULTURA, DE GÊNEROS E CORPOS COM ASPECTOS SOBRE A SUBJETIVIDADE EM CONSTRUÇÃO**

A questão de gênero é permeada acerca da diferenciação entre os papéis sociais de homens e mulheres na sociedade, isso nos remete pensar para além do corpo, baseada em uma lógica tradicional onde os opostos convivem. Todo ser humano nasce dotado de características, e isso classifica o seu papel dentro da sociedade.

As características sexuais de cada indivíduo classificam biologicamente as suas características, enquadrando o ser humano entre os sexos masculino e feminino. Contudo, vale ressaltar que a questão de gênero ou de orientação sexual de um

indivíduo vai para além das características físicas, envolve também questões sentimentais de reconhecimento e pertencimento na sociedade.

A identidade da figura feminina perpétua a partir de caracterizações impostas e descritas por uma cultura patriarcal, onde a subjetividade da mulher está intimamente relacionada aos afazeres do lar, e a procriação, onde parte a ideia de que a mulher não é livre e que depende ininterruptamente das ações do seu marido. Essa cultura perpetuou-se por longos anos, criando uma imagem apagada das mulheres e seus feitos, seja na arte, nos estudos, na música, dentre outros espaços que hoje são dominados pelas ideias femininas, mas que antes eram apagadas.

Dentro da questão homens e mulheres vivem em condições objetivas e subjetivas específicas, tomadas como uma opressão nas relações sociais. Significa construção nos modos empregados do capital, tendo como respostas a necessidade de atender os desejos centrais do social. Na natureza social do capital, as condições materiais são constituídas entre os principais obstáculos que restringem o desenvolvimento completo e sem personalidade. A forma de pensar e de se comportar é determinada na complexa e contraditória dinâmica entre sociedade em que se torna alienável ao processo.

Partindo da problematização da normatividade inerente à matriz de gênero imposta desde os tempos modernos, buscamos então, criticar o conceito simbólico de base estruturalista e encontrar alternativas para analisar e considerar o processo de subjetivação das formas existentes. Sendo permeada a supremacia do desejo e do sexo até agora foi considerado impossível de resolver. Portanto, durante o período patriarcal, a luta das mulheres não se concentrou apenas na igualdade de direitos, mas também em se livrar da dor psicológica causada pela marginalização social, incluindo o corpo e o desejo.

Na fala de Simone de Beauvoir (2006. p.11) “ninguém nasce mulher” intensifica um ponto que leva a pensar na objetificação feminina, a sociedade impõe cada vez mais cedo o modo e as atitudes que as mulheres devem ter. Ser mulher para a autora não é uma questão biológica, mas todo um envolvimento de uma cultura onde impõem comportamentos e normas. Mas vale ressaltar que a sociedade contemporânea ainda reverbera traços patriarcais.

A condição de ser mulher, para Simone de Beauvoir, defende a expressão da liberdade feminina em seus escritos, buscando ajudar as mulheres a possuírem a sua autonomia e se libertar de relações abusivas e de submissão aos homens. Ela

classifica a mulher para além da sua condição fisiológica e natural de procriação, onde a culpa sempre seria externada a condição de mulher (LIMA, 2018, p.105).

Diante disso, dentro de um contexto Brasileiro é necessário entender que ainda existem relações de uma cultura conservadora, em que são chefiados pelo homem os compromissos familiares, as mulheres ainda se sentem manipuláveis para os subsídios domésticos, mesmo com a auto modelagem da sua independência na sociedade. As raízes conservadoras e morais ainda são muito pertinentes, muitas pessoas ainda trazem essas questões pelas ancestralidades.

Os preceitos morais ainda são questionáveis nas religiões apesar da contemporaneidade apresentar a liberdade ao corpo, as religiões que ainda impõem matrizes conservadora ainda pregam o certo e o errado, é necessário seguir valores para buscar a santidade espiritual, seguir atribuídos ao casamento, obediência e tudo que reverbere a moralidade cristã. As famílias tradicionais levam em consideração a crença perpassando de geração em geração (FISCHER, 2001).

Nessa perspectiva, podemos ressaltar a forma que os casamentos arranjados pelas famílias eram postos, as mulheres eram obrigadas a casa e servir seus maridos, deviam ser moças recatadas, e preparadas para os cuidados da casa. As religiões, principalmente cristãs, preponderam bastantes princípios do patriarcado nas suas condutas, seus dogmas inquestionáveis, propunha muitas vezes a valorização do homem frente à família.

Os apontamentos no Brasil, segundo o entendimento de Costa e Mello (1999), as mulheres têm superado muitas restrições, como entrada no mercado de trabalho, direito ao voto e participação em atividades políticas, mas ainda existem algumas características patriarcais mantidas pela cultura. Características essas que podem ser exemplificadas como: diminuir a figura da mulher perante a figura masculina, a mulher receber salário inferior aos homens, as mulheres sofrerem ataques por decidirem não ser mães, dentre muitos outros aspectos, assim, as caracterizações dessas ações ressaltam que as raízes patriarcais ainda possuem forças na sociedade.

Com o ingresso no mercado de trabalho, as mulheres têm conquistado cada vez mais seu espaço: ocupando mais cargos que antes eram considerados homens; isso faz com que obtenha reconhecimento de sua inteligência, realizando pesquisas científicas e obtendo mestrado e doutorado; A contribuição das despesas financeiras é ainda maior, porque muitas vezes até desempenha o papel de chefe da família sozinha. Portanto, além das funções profissionais, as mulheres também buscam uma



qualificação superior por meio de cursos e outros meios, ao mesmo tempo em que devem estar dispostas a cuidar da família e das atividades familiares, o que também é característico da dupla jornada de trabalho.

Hoje, podemos constatar que muitas mulheres estão sobrecarregadas com o acúmulo de tarefas, como trabalhar, estudar, fazer cursos de qualificação profissional, cuidar da família, administrar a família e cuidar de suas necessidades das crianças, dentre muitas outras coisas. Às vezes, até abrem mão de atividades que os deixam felizes, como fazer exercícios ou ir a um "shopping", praia ou salão de beleza, para que possa propiciar à sua realização profissional e capaz de cumprir todos os seus compromissos. Assim como a mulher viveu uma série de lutas, transformações e conquistas pela libertação pessoal e profissional, o sentido de seu corpo e sujeito feminino também é acompanhado pelo processo de transformação social e histórica que vivenciou.

Andrade e Bosi (2003), apontaram que as mulheres ocupam espaço no mercado de trabalho por meio da penetração ocupacional, legalizaram sua libertação dos homens, obtêm sua própria renda salarial e obtêm o direito de usar anticoncepcionais para prevenir de gravidez. Esse novo modo de existir passa a dar importância à beleza do corpo e à independência econômica e profissional da mulher, o que ajuda a construir uma nova subjetividade feminina.

No entanto, essa valorização é reforçada pela forma de comunicação, de modo que, desde o século 20, os corpos das mulheres tornaram-se insignificantes e a mídia os expôs em anúncios, revistas, jornais e programas de TV. Para construir uma forma corporal feminina. Enfim, é assim que vemos o modelo de subjetividade e as mudanças no corpo feminino relacionadas aos dois períodos culturais.

Por um lado, ela é uma mulher pura e digna, virgem quando solteira, leal ao marido quando casada e dependente financeiramente do marido; por outro lado o corpo feminino está sujeito a novas restrições culturais, dando lugar a um mundo mais visível no âmbito do trabalho produtivo parece coincidir com os interesses do capitalismo: lucro e trabalho uma nova visão de produtividade aliciando aos desejos sexuais.

O embrião onde se convencionou o corpo, nos dias atuais, na espontaneidade, na naturalidade e no erotismo nasce de interesses capitalistas, onde sempre prioriza o lucro. Nesse contexto, o corpo passa a ser visto como um interesse econômico, com grande investimento na moda, a partir de 1950 e de 1960 os meios de atrair

consumidores, e passa a determinar o modo de viver do ser humano. Pelos novos meios de comunicação, progresso e sofisticação na tecnologia. Com isso tal mecanismo se adequa na sociedade às regras da mídia, de forma que as pessoas não percebem tamanha dominação (SEVERIANO, 2001).

Acontece de forma violenta e indiscriminada, tornando o corpo um objeto passível de manipulação. Para o capitalismo, o corpo e o desejo sexual devem ser controlados para formar um trabalhador manso que obedeça à sua disciplina. Como resultado, seu corpo passou a ser utilizado como meio para atingir uma meta de produção industrial e ficou sujeito ao sistema vigente.

O termo objetificação sexual surgiu na década de 1970, e é definido como um processo no qual a pessoa é tratada como um produto tendo em vista um objeto sexual. Em decorrência a esse fenômeno são impostas pela objetificação dos corpos femininos em que mulheres passam a ser vistas como objetos.

Objetificação é um termo que transforma o sujeito no nível de objeto, independentemente de suas emoções ou psicológico. Materializar Mulheres na mídia pode a um corpo não possuir nenhum outro tipo de atração emocional. As partes do corpo feminino são vendidas, não relacionadas a outros atributos Mulheres: músculos grandes e bem formados conquistaram a mídia (HELDMAN, 2012 apud LOURENÇO et al., 2014, p.5).

É no fluxo da cultura de massa que se desfeca o erotismo: não só os filmes, os comics, as revistas, os espetáculos estão cada vez mais apimentados com imagens eróticas, mas quotidianamente pernas levantadas, peitos estofados, cabeleiras escorridas, lábios entreabertos nos convidam a consumir cigarros, dentífricos, sabões, bebidas gasosas, toda uma gama de mercadorias cuja finalidade não é, propriamente falando, erótica (MORIN, 2003, p. 119).

A questão do corpo, mulheres são instruídas desde cedo a se preservarem para mostrar uma imagem de mulher culta, preservando a imagem feminina dentro de uma análise de uma cultura, em que a mulher deve a uma séria de regras onde preserve sua inocência. Nesta perspectiva e com uma nova visão de perfil identifica um olhar diferente onde são lhes apresentado uma imagem estética e rotulada, onde será visto cotidianamente uma figura com padrão único baseado em um corpo magro e definido, onde seja mostrado aquilo que melhor chame a atenção.

A legislação do corpo da mulher na cultura patriarcal significa um conjunto de normas e regras sobre o corpo da figura feminina, todo esse conhecimento produzido

sobre o corporal se estende a uma perspectiva patriarcal de manter a figura masculina acima da figura feminina. A história do corpo da mulher demorou longos anos para se ter a participação feminina em determinados âmbitos (AMARAL, 2015).

Toda essa caracterização definiu que os movimentos feministas buscassem manter o perfil de luta diante do patriarcado, mantendo a liberdade e autonomia da figura da mulher na sociedade. Ao longo dos anos, as mulheres foram se adaptando e se inserindo em variados âmbitos sociais, impondo padrões contra o sistema patriarcal que incide sobre a figura feminina.

## 2.2 OS REFLEXOS DAS CONSEQUÊNCIAS DA OBJETIFICAÇÃO DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

Os padrões estéticos que se permeia o erotismo e é sobre as mulheres, onde é desenvolvido todo um pensamento erótico e estético. Em toda uma trajetória histórica, a mulher era tida como um sexo frágil sendo explorada pela sua sexualidade chegando a ser julgada por isso. Sendo quebrado um estigma antigo, havendo a emancipação simultânea da mulher do corpo, porém não sendo quebrado todo esse estigma, e dando base para uma engrenagem do consumo do operassem (BAUDRILLARD, 2014.p.181).

Para Rocha (1995), é uma forma de “indústria cultural” (p. 33), em que um complexo adaptado é disseminado através da mídia em massa para nos organizar, confundir e enganar sobre a experiência existir. Portanto, em certo sentido a apropriação indébita de produtos de mídia é sempre um fenômeno localizado, pois sempre envolve indivíduos específicos, que estão em um ambiente social e histórico específico e têm a capacidade de compreender informações sociais.

Nessa problemática intensifica-se que o corpo da mulher passa para o âmbito público, onde elas podem perder o domínio sobre suas formas, sendo inserida na questão da mídia. Com tudo, o efeito é reverso mesmo que com a mudança do olhar da mulher na sociedade, tornam-se prisioneiras dessa imposição social, onde é imposto um perfil de mulher perfeita sendo extremamente difícil de ser alcançado. (SCHEMES; ARAUJO; LEDUR, 2008)

Toda essa influência pode ser prejudicial para as mulheres para Fredrickson e Roberts (1997), números assustadores chegando a 90% das mulheres já podem ter

enfrentado na sua vida, doenças como bulimia e anorexia, supondo assim que boa parte das mulheres sofre de dieta crônica ou apresenta problema, pois sempre querem está apresentável.

Isso leva pensar que ao longo do tempo mulheres sofrem modificações no seu modo de se comportar, e a forma que é vista, e que toda essa mudança dentro de um novo olha de uma cultura em que ainda é vista como ponto principal a objetificação do corpo, mas que acaba pela quebra do paradigma de “sexo frágil” pela “auto – objetificação”.

Percebe-se que a objetificação do da mulher não é vista de forma passiva, é tanto que o estado psicológico da mesma sofre de forma que ela começa a ver a necessidade de ter um extremo cuidado com a beleza de estar sempre por dentro dos padrões estabelecidos, sofrendo assim pressões externas, e que passa a sofre negativamente tendo como exemplo redução da escolaridade, acessa a cargos inferiores de trabalho, dificuldades de encontrar um parceiro.

A sociedade exige que mulheres sigam o padrão para que sejam acessíveis, pois está fora desse padrão pode estar em uma situação desagradável, quando não se encaixam são oprimidas, e tendo menos chance de ser reconhecida. Mas para as outras que têm um alto investimento em si, que se condiz com que os padrões estão exibindo, terá mais chances e melhores oportunidades.

Outro grande problema acerca da questão da objetificação é a questão da violência sexual, fator este que abre portas para a questão da visão entorno do olhar masculino sobre a figura feminina, impondo o olhar patriarcal de poder e dominação sobre o corpo da mulher, elas são tratadas de forma objetal e possuem uma visão acerca de si de forma reduzida aos desejos e domínios masculinos.

Objetificação feminina: quando as mulheres são vistas como objetos sexuais, elas não se preocupam com a personalidade e dignidade, mas com o corpo. Embora tenha gerado polêmica, esse tópico não é novo. Mesmo hoje, é fácil ver que a objetificação ainda faz parte da sociedade cotidiana. Em revistas, filmes, literatura, publicidade, mídia, música e muitos outros meios de comunicação que esse preconceito contra o corpo feminino e a sexualização continua a se espalhar.

A propaganda de cerveja é o principal exemplo, é o recurso mais utilizado é a presença de mulheres seminuas. Mas a mesma situação costuma ocorrer na mídia. Quando o corpo de uma mulher é destacado de uma forma que um homem gostaria, tudo o mais relacionado à personagem é exceto a parte objetivada: A objetificação

traz vários problemas, a cultura do estupro, padrões de beleza e desqualificação das mulheres.

FIGURA 1: Peça retirada de circulação, devido a conteúdo apelativo.



Fonte: Google Imagens

A cerveja Itaipava foi alvo de polêmicas devido as propagandas onde a modelo foi retratada com objeto sexual, sendo tirada de cena e circulação nacional a pedido Conar, destacou-se que o anúncio é "excessivamente atraente para o sexo". Aqui, a mulher tem relação direta com o público-alvo do anúncio, modelo faz a exibição da imagem segurando uma lata de cerveja, há instruções para a lata: 350 ml, existe por outro lado a informação para um frasco de produto é de 300 ml. As mesmas instruções, no entanto, são usadas nos seios da menina, e aparecem seminuas com uma classificação dos seus seios sendo 600 ml.

A vulgaridade dos corpos é muitas vezes vista como um olhar maldoso, como forma de chamar atenção masculina, para que se atente ao produto exposto. Isso faz com que homens pensem que podem ser um convite para serem assediadas, vem se tornando cada vez mais difícil se manter segura sem pensar na possibilidade de um estupro. O caráter feminino muitas vezes é julgado pelo tamanho da roupa, mas atentamos que o “estupro veio antes da mini saia”, mulheres cada vez mais tem medo

de sair de casa com medo do pior, é necessário andar preparada, saber como se comportarem devidas situações, pode ser citado como exemplo o medo de pegar um uber, andar na rua sozinha, além de muitos outros pontos que podem ser abordados.

Todo esse parâmetro faz com que a mulher seja mais desejável aos olhos dos homens. Isso faz com que provoque olhares maldosos podendo ser citado o caso da jovem de 16 anos que foi violentada, que tomou uma dimensão mundial foi o caso da menina indiana que foi brutalmente estuprada dentro de um ônibus após sair do cinema com um amigo. Os seis estupradores afirmavam que a culpa era toda da menina já que uma mulher que estava na rua àquela hora da noite (em torno das 22h00min) estava provocando os homens, portanto, poderiam fazer com ela o que bem entendessem (MONTOVANE, 2015).

Outro caso bem relevante seria a da influenciadora Mariana Ferrer relata ter sido dopada e estuprada pelo empresário André de Camargo Aranha, em 15 de dezembro de 2018; O acusado foi indiciado por "estupro culposo"; Acusado de estuprar a influenciadora é absolvido, gera revolta e levanta debate sobre como a violência sexual contra a mulher é tratada na Justiça.

O juiz Rudson Marcos, da 3ª Vara Criminal de Florianópolis, absolveu André Camargo Aranha. O magistrado acolheu os argumentos da defesa do empresário, liderada pelo advogado criminalista Cláudio Gastão da Rosa Filho, e a própria posição do Ministério Público de Santa Catarina, que se manifestou nos autos pela absolvição do réu pela "ausência de provas contundentes para corroborar a versão acusação" (ANTUNES; OLIVA, 2020).

A lei Maria da Penha é uma lei criada para proteção das mulheres vítimas de qualquer tipo de violência. A violência contra a mulher é amparada a partir dessa lei, que busca a proteção das vítimas e a punição aos agressores, contudo, existem críticas sobre a forma de se fazer justiça no país, muitas absorções causam indignação na sociedade, onde a vítima fica desprovida de proteção e o agressor pode viver normalmente mesmo causando perigo para a vítima e para a sociedade no geral.

O processo de criação dessa lei custou muito tempo de luta e movimentos de mulheres a fim de buscar a garantia dos direitos das mesmas, como também a autonomia e liberdade das mulheres, fato este que na cultura patriarcal não é bem aceito. Contudo, vale ressaltar que até os anos 80 não existia um sistema judicial de proteção à mulher, o que permite pensar que os movimentos sociais iniciados nos

anos 70 vieram perpetuar a efetivação de leis de proteção às mulheres vítimas de violência doméstica (TAVASSI et al, 2021).

Muitas mulheres mantêm distância do feminismo porque ainda é considerado um movimento radical". Isso leva-nos a um questionamento sobre a "objetificação" e encorajando o assédio? As mulheres são donas de seu corpo e têm o direito de possuí-lo, seu modo de vestir nunca poderá provar que a vida pessoal dessas mulheres possa vir a ser perturbada, ou se torne crime contra elas. Enfatiza que de outra forma seria considerado trabalhar lado a lado com os criminosos para apoiar as vítimas.

Essas novas formas de tecnologia e a mudança de visão da mídia sobre a mulher só fez com que aumentasse a indústria pornográfica leva ao extremo a ideia de coisificação ao explorar o sexo de forma desumana, em que a mulher fica à mercê de todo tipo de violência e humilhações, e muitas vezes com um sorriso no rosto. Com o avanço tecnológico e o aquecimento econômico ocorrido nos últimos anos, o mundo digital ficou mais acessível (D' ABREU, 2013).

Se antes, para consumir pornografia era preciso ter dinheiro, se deslocar até uma locadora de vídeos ou banca de jornal, hoje há uma infinidade de conteúdos que estão catalogados ao acesso livre de todos, em sites que categorizam o sexo de acordo com os fetiches de seus expectadores, fetiches estes que exigem cenas cada vez mais violentas para as mulheres segundo Anfra (2009. p. 3).

A erotização do corpo feminino cada vez mais exposto sendo sensualizado e tratado como indústria da pornográfica, com enredo carregado de humor e sexo mais próximo do natural. Radicalização do fetiche, e verdadeiras cenas de estupro são reproduzidas com tamanha naturalidade, utilizando-se de atrizes que de tão jovens induzem o expectador a acreditar que se trata de uma adolescente, as chamadas "novinhas".

Com toda essa inovação é necessário analisar duas lógicas que se permeiam nos reflexos da mudança do corpo na sociedade, a má forma que a sexualidade ou estereótipos são colocados na sociedade, contudo, outra lógica é a liberdade de inibir e se mostrar, como forma de representar a luta por seus direitos, tendo em vista seu empoderamento, mas que mesmo assim podem sofrer rejeição por parte da sociedade.

Entre diversos artistas que estão alocados no mundo da fama uma que contribui com as causas feminista é a cantora Anitta, que exhibe em seus clipes a sensualidade do seu corpo. De certo modo são levantados muitos questionamentos

se realmente esses artistas estão levantando uma questão feminista, ou só mais uma demonstração de rotulação que a sociedade apreciaria ver.

Acreditam as defensoras da causa feminista que se a artista continuar a dar "o corpo à bala", e a protagonizar um verdadeiro "Show de Poderosas", poderá estar a contribuir para a causa, a "expulsar as invejosas" e a mostrar que este "exército tem poder". É assim pelo menos, que canta a própria (PINTO, 2018).

A cantora de 28 anos foi bastante criticada após seu clipe "Vai Malandra" ter sido lançado, as críticas era que a cantora se apoderava de movimentos feministas para enaltecer sua carreira de forma que possa ganhar mais visualizações. Muitos alegam que os trajés menores não seriam pelo direito de assumir o seu corpo como é, mas sim uma forma de ganhar mais fãs, mais visualizações.

Todos devem ser capazes de determinar livremente seu próprio corpo, independentemente de seu gênero. O objetivo da luta feminista é a compressão da liberdade das mulheres. Se a mulher de alguma forma expõe mais seu corpo, ela deve ser tratada com o mesmo respeito que quem expõe menos.

Devemos lutar contra uma cultura do sexíssimo que preserva mais dignidade e cautela para as mulheres e só permite que os homens se exponham. Sempre haverá algumas lutas que continuarão existindo como a questão das diferenças salariais, mas também haverá novas expressões do feminismo, tornando o movimento atual e ativo. No entanto, o corpo feminino é comercializado e continua sendo.

### **CAPÍTULO III - "NOSSA LUTA É TODO DIA, SOMOS MULHERES E NÃO MERCADORIA": PONDERAÇÃO DA REIFICAÇÃO FEMININA E AS COMPLEXIDADES QUE SÃO INFRINGIDA A ESSE MODELO**

*"Algumas mulheres escolhem seguir os homens, e outras escolhem seguir seus sonhos. Se você está se perguntando em qual direção seguir, lembre-se de que sua carreira jamais acordará de manhã e dirá que não te ama mais."*

*(Lady Gaga)*



Neste capítulo, será abordada as análises dos fatos onde será discutido a caracterização de campo de estágio, de forma que a explicar as políticas desenvolvidas dentro do Centro de Referência da Mulher- CRM, a lei que assegura às mulheres em situação de violência. E a equipe de profissionais que fazem um trabalho multidisciplinar.

O presente contexto também vem a retratar o percurso do processo metodológico, de forma a explorar as fontes para pesquisa do trabalho, trazendo também uma análise de uma música, que enaltece o empoderamento feminino, e a quebra de ideologias a partir da lógica dos conceitos ainda a serem superados.

### 3.1 CARACTERIZAÇÕES DO CAMPO DE ESTÁGIO NO CENTRO DE REFERÊNCIA DA MULHER- CRM

O estágio supervisionado, cujo objetivo é o de descrever a contextualização sobre a política de assistência do equipamento Centro De Referência Da Mulher - CRM, na oferta de serviços para as mulheres em situação de vulnerabilidade, em função de qualquer tipo de violência, ocorrido por sua condição de mulher. Seguindo a Lei 1188/08, § 1º da lei do estágio, integra o projeto pedagógico do curso de Serviço Social, onde associado a teoria, é supervisionado por um técnico acadêmico e um técnico de campo, inserindo o aluno em um espaço sócio ocupacional e contribuindo para sua formação profissional.

O Centro Universitário Leão Sampaio entra em articulação com CRM para proporcionar o conhecimento prático do discente no equipamento. O Centro De Referência Da Mulher fica localizado na Rua Delmiro Gouveia, n 688, Bairro Salesiano em Juazeiro Do Norte-CE. Desenvolvido pela secretaria de desenvolvimento social e trabalho do município.

O respectivo equipamento promove a ruptura da situação de violência contra a mulher e a construção da cidadania, com um atendimento interdisciplinar (psicológico, social, jurídico, orientação e informação), que promova o fortalecimento da sua autoestima, prevenindo futuros atos de agressão e promover a interrupção do ciclo de violência.

O trabalho realizado pela assistência social para as mulheres atendidas tem por objetivo orientar a assistida na promoção da sua inserção de programas de transferência de recursos, aos quais ela tenha direito. Realiza palestra sobre violência

doméstica, encaminhamentos para outros equipamentos da rede de proteção que forem necessários, receber e acolher a mulher adulta com idade entre 18 até 59 anos vítima de violência doméstica, a procura é espontânea ou encaminhada de outros equipamentos que compõem a rede sócio assistencial.

O local ainda possui atendimento multidisciplinar, ou individual, e escuta do caso. Oferece orientações sobre os direitos da mulher com atendimento psicológico, social, jurídico, dependendo do interesse da assistida pode ser atendimento individual. O atendimento presta uma postura de acolhimento da conquista e confiança da mulher, e as necessidades da mulher em situação de violência na intenção de integrar a rede de atendimento. Promove a responsabilização do agressor, por meio de encaminhamento e monitoramento do caso para sistema de segurança pública e de justiça e acompanhamento da mulher violentada.

O Centro de Referência da Mulher – CRM disponibiliza de objetivos como: Atendimento multidisciplinar ou individual, no CRM e Delegacia de Defesa da Mulher; Encaminhamento e orientação de acordo com a demanda da violência; Palestras preventivas e educativas; Rodas de Conversas; Articulação para efetivação do direito da usuária.

Dentre os serviços que são oferecidos pelo equipamento através do Centro de Referência da Mulher pode-se destacar a realização de encaminhamentos dos usuários às políticas setoriais, como: CRAS, CREAS, NASF, NPJ, dentre outros; orientação sobre benefícios sociais; fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, além de Conhecer as formas de mobilizar a redes de serviços para viabilizar os direitos sociais; Realização de atendimentos por meio de entrevista social; elaboração e problematização dos relatórios sociais; orientação e encaminhamento dos usuários para a rede socioassistencial do município.

A Lei Nº 11.340, de 07 de agosto de 2006, também denominada Lei Maria da Penha, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, conforme previsto na Constituição Federal em seu artigo 226, parágrafo 8º: “O Estado assegurará a assistência à família na pessoa”.

A Lei Maria da Penha estabelece cinco tipos de violência doméstica contra a mulher relacionadas no Art. 7º da Lei 11.340/2006: A violência doméstica e familiar contra a mulher como uma das formas de violação dos direitos humanos, classificando-a em:

- Violência Física: agressões físicas cometidas através de socos, chutes,

murros, queimaduras e até mesmo com o uso de armas de fogo e facas;

- Violência Patrimonial: prejuízos ao patrimônio por meio da destruição do patrimônio, de objetos e até mesmo documentos;

- Violência Sexual: através do uso da força, o agressor obriga a vítima a manter relações sexuais contra sua vontade;

- Violência Moral: aquela que causa à vítima constrangimento, como calúnias, difamação ou insulto;

- Violência Psicológica ou Emocional: é toda forma de insulto aos valores morais, muitas das vezes apresentada de forma silenciosa e que pode deixar marcas profundas, tendo, ainda, a característica de ser acumulativa e constante.

A inovação na rede de medidas protetivas para as mulheres vítimas de violência, como as Delegacias de Atendimento à Mulher, visa um atendimento mais qualificado para as mulheres vítimas de violência. Assim como a constante capacitação dos profissionais que atuam com esse público alvo. E também a concessão no prazo de 48h, por parte do juiz, para medidas protetivas de urgência, tais como: a suspensão do porte de armas do agressor, o afastamento do agressor do lar, o distanciamento da vítima, dentre outras, dependendo da situação. Tais medidas podem ser pedidas pela própria vítima junto às delegacias especializadas ou em delegacias comuns.

Diante disto o profissional orienta, discute estratégias e encaminha as mulheres para onde possam receber atendimento e ter os seus direitos garantidos. O assistente social utiliza alguns instrumentos técnicos para uma melhor avaliação dos casos de violência contra a mulher. Pode-se citar a entrevista, que é feita com a mulher vítima da violência onde se desenvolve através do processo de escuta e observação, sempre priorizando a atenção aos sentimentos expressos pela mulher.

Caso a mulher pretenda sair de casa e optar pela casa Brasileira em fortaleza, para que ela fique resguardada, faz com que responsáveis pelo atendimento social deverá manter contato permanente com as coordenadorias das casas abrigos e dos serviços de alojamento temporário a fim de possibilitar o pronto encaminhamento da mulher atendida, caso entenda que o grau de risco à sua integridade física tenha sido agravado.

O acompanhamento contínuo com as usuárias é de extrema importância, é possível conhecer e explorar os dados sobre a realidade cotidiana. É importante destacar que as melhorias na qualidade dos serviços oferecidos às mulheres em

situação de violência bem como, as campanhas, eventos, destinadas à defesa da mulher, tudo isso fez com que sensibilizasse a sociedade nesta luta pelos direitos das mulheres, contribuindo muito para as vitórias já alcançadas.

Delegacias de Atendimento à Mulher, atendimentos por meio de entrevista social e ações socioassistenciais; realiza atividades voltadas para estudos de casos, relatórios, laudos, pareceres e demais atividades correlatas. Visitas institucionais; realização de encaminhamentos monitorados e demais políticas públicas setoriais e órgãos de defesa de direito; trabalho em equipe interdisciplinar; alimentação de registros e sistemas de informação das ações desenvolvidas; organização dos encaminhamentos, fluxos de informações e procedimentos e participação em eventos externos (Desenvolver trabalho como: palestras educativas em escolas, comunidade, etc).

### 3.2 PROCEDIMENTOS PARA O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A contribuição definida neste trabalho de curso acadêmico é compreendida como finalidade de uma pesquisa básica estratégica, tendo em vista o intuito de avançar na ciência sendo possível fazer uma análise do trabalho para uso necessário de pesquisa aplicada. Se encontrar a base do conteúdo com diálogo nas reflexões acerca da figura feminina para que possa haver uma resolutividade. O delineamento do problema de pesquisa, como sendo: Quais os motivos que levam a mulher ser objetificada na sociedade brasileira?

O objetivo geral firmou-se em analisar o novo contexto de mudança da imagem da mulher dentro da sociedade, dando ênfase a sua objetificação. Assim, para atingir esses objetivos foram-se traçados três (3) objetivos específicos, sendo eles: 1) O trajeto historicidade da mulher na questão de objetificação, identificar as mudanças; 2) A erotização do corpo feminina; 3) Os reflexos da objetificação da mulher na contemporaneidade.

O que determina mais atenção, cuidado e comprometimento das pesquisas é que não seguirá caminhos aleatórios e imprecisos. Além disso, a pesquisa de literatura possibilita a obtenção de uma gama de informações, o que significa entender e criticar os dados coletados para obter resultados. Dessa forma o processo a ser percorrido na metodologia é a pesquisa bibliográfica

Sendo no que se refere a pesquisa bibliográfica, a utilização de artigos científicos, recortes de livros e revistas científicas, uns dos livros para embasamento teórico foi: A primeira edição de *Gênero, patriarcado, violência* foi lançada em março de 2004 pela autora Heleieth Saffioti que traz na sua leitura a luta de classes, com relação a questão de gênero e o patriarcado segue mais atual que nunca, trazendo reflexões e contribuições para a nova ótica de debate em que tenha em vista a emancipação das mulheres.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002. p. 32).

Gil (2007) complementa esta visão, revelando que o tipo de pesquisa bibliográfica é realizado a partir de materiais que foram desenvolvidos, e sua principal vantagem é categorizada como uma visão ampliada do pesquisador de vários materiais, permitindo uma análise estendida e análise de dados.

O método utilizado na construção do projeto de pesquisa foi o hipotético-dedutivo, a escolha do problema de pesquisa foi submetida a hipótese, que possivelmente pode vir a solucionar esse problema, desta forma foi possível compreender a veracidade das hipóteses destacadas.

O objetivo do método utilizado é descritivo e visa revelar detalhadamente o tema de pesquisa, porém, por meio desse método, podem ser apresentadas as características e conceitos do tema de pesquisa, definido e explicada, de forma que; leituras de artigo, obras científicas, revistas e recortes de livros, etc., passem a estabelecer relações entre as variáveis definidoras do trabalho.

Em uma das dinâmicas, relações sociais, para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, corresponde a relações, processos e fenômenos mais profundos, não podendo ser reduzido à operacionalização de variáveis. A pesquisa qualitativa também fornece aos pesquisadores uma maior aproximação e familiarização com o

objeto de pesquisa e análise, compreendendo a sua subjetividade, que é sua singularidade como se refere Minayo e Sanches:

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade' entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela envolve empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas (MINAYO & SANCHES. 1993. p. 244).

A abordagem usada no texto será de caráter qualitativo, onde serão analisadas as informações dentro dos padrões valorativos, o presente trabalho procede através de citações tendo como base uma pesquisa bibliográfica que busca estudo por fontes de leitura para que sejam interpretados e levados às conclusões.

O presente trabalho possui a sua divisão em três capítulos, sendo o capítulo 1 – “não se nasce mulher, torna-se mulher”- o reflexo histórico de um legado no qual a mulher é vista como inferior e submissa ao homem.

No Capítulo 2 intitulado: “nem santa nem puta, mulher” - aborda sobre as consequências na construção e manutenção da objetificação feminina como forma de dominação e desconfiguração da mulher. E, por fim, no Capítulo 3- nomeado como “nossa luta é todo dia, somos mulheres e não mercadoria”- ponderação da reificação feminina e as complexidades que são infringidas a esse modelo.

Explora-se então, a busca de respostas a partir das seguintes hipóteses: “Existe um processo de historicidade do tratamento desigual entre os gêneros?” “A sexualidade feminina ainda é reificada na sociedade?” “A banalização da imagem da mulher e o desrespeito aos direitos fundamentais consagrados constitucionalmente?”

Todo o processo de trabalho entre projeto de pesquisa e monografia totalizam 8 meses de construção, todo o percurso percorrido foi detalhado desde a escolha do tema, a discussão a ser tratada, a análise dos dados e em continuidade a escolha de autores para indagar a discussão ao longo do texto, foram citados autores como: Simone de Beauvoir (2016), Heleieth Saffioti (2004), Bárbara Cunha (2014), Fonseca (2002), Minayo (2001), Gil (2010).

### 3.3 A LUTA DAS MULHERES E SUAS COMPLEXIDADES INFLIGIDAS SOBRE A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA MÚSICA TRISTE, LOUCA OU MÁ (FRANCISCO, EL HOMBRE)

O processo de lutas e contestações, desafiando e desconstruindo formas e forças na luta por igualdade e direito a política que busque equidade e justiça social para as mulheres. Durante muitos anos em que são marcados por princípios conservadores e acumulação capitalista. Ao longo do percurso traçado até o momento é necessário entender o contexto em que segue o modelo de retificação feminina dentro do estudo social.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que se qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro” (BEAUVOIR, 1967. p. 9).

O "ser mulher" é discutido no livro (O segundo sexo) de Simone de Beauvoir, na discussão do trabalho o capítulo 1 "NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE MULHER", levando a discussão do processo que a mulher é posta como um ser incompreendido, e a letra da música mostra exatamente as versões dos paradigmas que são postos na sociedade e manifestar um empoderamento feminino.

Durante muito tempo as mulheres são qualificadas nas problemáticas sociais, onde sempre são colocadas com um gênero frágil, submisso e sexualizando, e para o método utilizado na pesquisa e fazendo uma análise desse processo de inquietações em que muitas mulheres são colocadas será abordado através da banda "Francisco, el hombre" onde são levantados bastantes questionamentos que permeia o mundo feminino.

A cantora e compositora Juliana Strassacapa, expressa dentro da sua música não somente uma letra, mas muito além disso, vem pontuar as classificações que mulheres são impostas na sociedade, e os questionamentos de quando se confronta o rompimento de tais culturas. O clipe teve mais de 365 mil visualizações, se tornando umas das músicas mais atraídas aos olhares femininos e pelos movimentos.

Na estrutura em que se vê o clipe percebe-se qual a performance que quer passar, as dançarinas se apresentam com uma diversidade de belezas, e não

somente com o padrão estabelecido. A música chama atenção e se torna interessante pela sua letra e beleza do clipe, certamente ao escutá-la você sentirá o impacto que ela irá transmitir, e a partir dessa abordagem o interesse e despertar a curiosidade do leitor para compreensão de interpretação da canção.

No nome da música já começa com uma discussão muito importante: *Triste, Louca ou Má* traz uma tradução *sad, mad or bad*, um termo usado para designar de forma pejorativa, mulheres que decidem ficar solteira, ou seja, são mulheres que não aceita as formas culturais e a rejeitam. Com tudo, percebe que a canção vai abordar muitas críticas sociais, e as situações que são postas dentro de uma cultura (FERNANDES 2021).

“Já que a opressão da mulher tem sua causa na vontade de perpetuar a família e manter intato o patrimônio, ela se liberta também dessa dependência absoluta na medida em que escapa da família” (BEAUVOIR, 1980. p.109).

Para isso buscam fazer uma análise da pesquisa dentro da música, os significados que enaltece o que foi explanado ao longo do conteúdo, dessa forma traremos alguns trechos da canção:

*"Triste, louca ou má  
Será qualificada ela  
Quem recusar  
Seguir receita tal  
A receita cultural  
Do marido, da família  
Cuida, cuida da rotina"*

Esse primeiro ponto ressalta "recusar seguir receita tal" nos levar a pensar qual receita seria essa? Seria os padrões de uma cultura social, que fazem estigma do modo de como a mulher deve se comportar na sociedade, pontos cruciais do patriarcado, sendo que ainda são repercutidos na contemporaneidade por ser considerada a forma correta que uma mulher deve se comportar.



A mulher foi degradada, convertida em servidora, em escrava do prazer do homem e em mero instrumento de reprodução. Esse rebaixamento da condição da mulher, tal como aparece abertamente, sobretudo entre os gregos dos tempos heroicos e mais ainda dos tempos clássicos, tem sido gradualmente retocado, dissimulado e, em alguns lugares, até revestido de formas mais suaves, mas de modo algum eliminado" (ENGELS, 2006. p. 75).

Assim, a mulheres são determinadas a serem cuidadoras do lar, no sistema patriarcal, e se discordar dos seus deveres a serem cumpridos como dona do lar não é bem vista pela sociedade, a imagem da figura feminina sempre é representada por papéis secundários, sendo um ser manipulável a submissão. E aqui busca entender o primeiro método sendo um processo de historicidade do tratamento desigual entre os gêneros, que sempre esteve presente.

Com tudo, é possível analisar como o posicionamento de Bonin (1998, p. 70) que ressalta que dependendo do gênero (ser masculino/ser feminino) ao longo do trajeto historicidade a cultura ela se desvincula de uma forma intencionado e inventivo, sendo possível modificações, e são capazes de "mudar o próprio processo cultural que o constitui". A análise a ser compreendida relaciona-se que mesmo com a quebra do patriarcado ainda hoje é possível ver que mulheres estão presas de certo modo pelos novos modelos contemporâneos, e a música vem analisar essa liberdade, e as implicações sofridas.

Nos dias atuais tem se tornado cada vez mais atrativo a sexualidade feminina ainda é reificada na sociedade, as mulheres tentaram se desprende de normas posta como rotina, e partir do momento que ela negar seguir essa receita, elas viram alvo do erotismo, e começa a levantar questionamentos, por que seguir tal receita é algo "normal" para a sociedade, e discordar disso é um problema. Dessa forma podemos se debruçar de mais uma estrofe da música onde aborda o seguinte:

*"Só mesmo rejeita  
 Bem conhecida receita  
 Quem, não sem dores  
 Aceita que tudo deve mudar  
 Que um homem não te define  
 Sua casa não te define  
 Sua carne não te define  
 Você é seu próprio lar"*

Por muito tempo, as mulheres foram apegadas a suas casas, seus corpos e homens, mas ela se viu construindo. Embora não seja difícil ver o que está errado, é mais complicado provocar mudanças. É o que a música nos diz nesta seção: rejeitar o segredo arraigado, não só para aceitar que a situação precisa ser mudada, mas também para aceitar a dificuldade e a dor que isso trará.

As mulheres precisam de certa forma entender que sua vida não está ligada a cuidar de um lar, e seu corpo não necessita seguir os padrões de perfeição que a mídia tanto impõe, e principalmente que um homem não deve definir seu futuro, nem suas escolhas. Para ser seu próprio lar é necessário ter amor próprio, não seguir as receitas que estão vinculadas na sociedade.

*"Eu não me vejo na palavra*

*Fêmea: Alvo de caça*

*Conformada vítima*

*Prefiro queimar o mapa*

*Traçar de novo a estrada*

*Ver cores nas cinzas*

*E a vida reinventar"*

O papel em que a mulher é "Conformada vítima" submissa geralmente é atribuído às mulheres. Em vez disso, ela escolheu mudar, abrir novos caminhos e abrir seu coração para muitas outras coisas. Mas porque aborda a temática sobre mulheres como, tristes, loucas ou más é tão ruim? Depois de ouvir expressões de tristeza, raiva ou malícia, pode-se pensar em quantas vezes muitas mulheres foram desvalorizadas por não seguir os padrões sociais e culturais.

Nem tudo tem sido as mil maravilhas, mesmo com tanta política de inclusão a mulher que estão se firmando cada vez mais, os números de feminicídio, violência doméstica tem aumentado cada vez mais, não se sabe se as mulheres estão se politizado dos seus direitos, ou se os homens estão mais agressivos. Muitas mulheres ainda se encontram presas a uma relação abusiva, perigosa e violenta, e seu psicológico é afetado por ofensas do seu companheiro/a.

Que desafios as mulheres enfrentam no século 21? Ela está pronta a aceitar o novo desafio e obrigações que impõem condições para pessoas do mesmo sexo?

Muitas vezes se encontram sem palavras, como uma “Fêmea: Alvo de caça”, muitos anos se passaram o que vimos e ouvimos na mídia são mulheres que passaram por inúmeros conflitos. Mulheres que procuram mudar a história, participar do movimento para mudar a sociedade e mudar a percepção da cultura, conquistando espaço em seus ciclos coexistem.

Porém, se por um lado esses movimentos estão na mídia e não é fácil ser reconhecido pela sociedade! É marcado por muitas lutas e sacrifícios. Traçando muitos caminhos para alcançar direitos iguais ao longo dos anos, lutar contra o preconceito não é acidental.

[...] pelo fato de ter tomado consciência de si e de poder libertar-se também do casamento pelo trabalho, a mulher não mais aceita a sujeição com docilidade. O que ela desejaria é que a conciliação da vida familiar com um ofício não exigisse dela desesperantes acrobacias (BEAUVOIR, 1980. p. 176).

A versão de Triste, Louca ou Má traz um importante momento de reflexão para nossas vidas. Durante muito tempo as mulheres vêm lutando por seus direitos que antes eram negados, e sua participação dentro da sociedade em que possa ser escutada. “Ela desatinou desatou nós vai viver só” A mulher tem direito a bom emprego com bons salários, liberdade de expressar seus desejos de forma que não seja taxada como depreciativa.

Para dar fundamentos ao proposto trabalho, é necessário entender que não é apenas em nossa sociedade, mas em um sentido geral, todos esses conceitos em que se encontra a mulher está enraizado em diferentes culturas. A cultura onde está inserida tem um perfil padronizado pelo sexo oposto, e ela intensificasse como inferior, então se pode dizer que não foi somente no patriarcado. Apesar de tantas lutas e conquistas, ainda assim, vivenciam uma busca constante por igualdade entre mulheres e homens. Faz-se necessário não apenas lutar e conquistar, mas, sobretudo “a vida reinventar”, quebrando, rompendo, essa naturalização enraizada social e culturalmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, encontra-se considerações sobre fatos que levam a querer dar continuidade e aprofundamento à história da mulher. A estrutura social baseada na subordinação feminina à dominação masculina constitui uma opressão geral das mulheres e uma forma de manter o patriarcado como espaço histórico de poder masculino. Por meio dessa pesquisa, foi necessário perceber os papéis arraigados de uma cultura para compreensão da relação que as mulheres foram postas na sociedade por meio da objetivação do comportamento feminino e representação física da comunicação.

Em seguida, ao percorrer as lutas que as mulheres enfrentam para que sejam efetivadas as políticas públicas, os movimentos que revolucionaram marcos histórico do feminismo, sendo possível também abranger os estudos para as relações de gênero, possibilitando entender as desigualdades sofridas nas questões trabalhistas, sexualização da mulher e as violências.

O comportamento da figura atribuída às mulheres contribui para sua objetificação em uma nova modelagem capitalista. Portanto, a influência de um novo capital defende o interesse de manutenção de certas estruturas dominação e subordinação feminina levantam questionamentos à sexualidade feminina. No entanto, os movimentos de empoderamento das mulheres se tornaram cada vez maiores, já sentem livremente o poder para escolher os seus próprios caminhos.

Existem algumas mudanças, as mulheres já conquistaram certos espaços dentro da sociedade. Além disso, o fato é que ainda há muito pelo que lutar, o modelo de família tende a mudar, removendo assim a mulher do papel das modelagens imposta pelas prisões sociais. De acordo com a explicação, o objetivo do trabalho é discutir sobre o fortalecimento das lutas, e dos movimentos que garantam seus direitos e pretende fortalecer o quadro social de gênero considerado errado, e as mulheres possam contribuir para interromper a ideia.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma Figueiredo. Patriarcado. In: FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth; MENEGHEL, Stela Nazareth. (Org). **Dicionário Feminino da Infâmia: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

ALVES, Branca Moreira. Ideologia e feminismo: a luta pelo voto feminino no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980.

ANTUNES, Leda. **Acusado de estuprar Mariana Ferrer é absolvido, gera revolta e levanta debate sobre como a violência sexual contra a mulher é tratada na Justiça**. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/acusado-de-estuprar-mariana-ferrer-absolvido-gera-revolta-levanta-debate-sobre-como-violencia-sexual-contra-mulher-tratada-na-justica-24633120>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

AMARAL, André. **A legislação patriarcal sobre o corpo feminino - Outras Palavras**. Outras Palavras. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/feminismos/a-legislacao-patriarcal-sobre-o-corpo-feminino/>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

ANFRA, Douglas. **A insustentável engenharia do desejo**. 2009. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2009/08/10648>>. Acesso em: 10 maio 2021.

ANDRADE, Angela; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. **Revista de Nutrição**, v. 16, n. 1, p. 117–125, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rn/a/DwyJjBYbgKGMzGKTt6S3GjR/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

ARAÚJO. C. **Marxismo, feminismo e o enfoque de gênero**. Crítica Marxista, n.11, p. 65-70. São Paulo: Boitempo, 2000.

BLAY, EVA ALTERMAN. 8 de março: **conquistas e controvérsias**. Revista Estudos Feministas [online]. 2001, v. 9, n. 2 [Acessado 13 Outubro 2021], pp. 601-607. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200016>>. Epub 20 Maio 2002. ISSN 1806-9584.

BEAUVOIR, Simone. (2016) **O segundo sexo. Trad. Sérgio Milliet. 3ed.** Rio: Nova BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. A experiência vivida (Vol. 2). 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BONIN. L. F. R. (1998). Indivíduo, cultura e sociedade. In M. Jaques, M. Srey, M. Bernardes, P. Guareshi, S. Carlos, & T. Fonseca, Sociedade Contemporânea: Livro texto. Petrópolis, RJ: Vozes.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. 4. Ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. **I Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (I PNPM)**, SPM. Brasília, 2005.

BRASIL. **II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres** (II PNPM), SPM. Brasília, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2014. Fronteira. v.2. (Obra original publicada em 1949).

FERNANDES, Camila. Análise de Triste, Louca ou Má, música de Francisco, el Hombre. Blog Letras. 8 de Abril de 2021. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/blog/analise-triste-louca-ou-ma/>> Acesso em 29 novembro 2021.

CUNHA, Bárbara Madruga. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero**. XVI Jornada de iniciação científica de direito da UFPR. Curitiba, 2014. Disponível em:. Acesso em: 09 maio 2021

COSTA, A. A. **O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política**. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/liberdade/anaalice.htm>> Acesso em: 5 out 2021.

Costa, L. C. A., & Mello, I. (1999). **História do Brasil**. São Paulo: Scipione.

Couto, L. N. (1995). **A deserotização do corpo: Um processo histórico cultural**. In E. Romero (Org.), *Corpo, mulher e sociedade* (Coleção Corpo e Motricidade pp. 55-70). Campinas, SP: Papirus.

D'ABREU, Lylla Cysne Frota. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 592–601, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/n9jjzChb9nFpKVRB3NchK7K/?lang=pt>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Editora Escala, 3º edição.

FERREIRA, A. B. H. (1986). *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FREDRICKSON, Barbara L; ROBERTS, Tommi Ann. **Objetification theory: toward understanding women's lived experiences and mental health risks**. 1997. Disponível em: <http://www.sanchezlab.com/pdfs/FredricksonRoberts.pdf>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

FISCHER, ROSA MARIA BUENO. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 586–599, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/4tZBgz3WNxbf5dX4qdyKQJJ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

- FOUCAULT, M. (1999). **A história da loucura**. São Paulo: Perspectiva.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GODELIER, Maurice. **La production des Grands Hommes**. Paris: Fayard, 1982.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- HOWE, Irving; LIBO, Kenneth. *How We Lived*. **A Documentay History of Immigrant Jews in America**. 1880-1930 USA: Richard Marek Publishers, 1979.
- HOMBRE, Francisco El. **Triste, Louca ouMá**. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/IKmYTHgBNoE>>. Acesso 2 Dezembro 2021.
- LINTON, R. (1999) **Cultura e personalidade**. São Paulo: Mestre JOU.
- LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. Op. Cit, p.47, 50, 81, 103 e 140.
- LESSA, S. **Abaixo a Família Monogâmica!** São Paulo: Instituto Lukács, 2012.
- LOBO, E. S. **A Classe trabalhadora tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura; Brasiliense, 1991.
- Lerner, G. (1989). *The creation of patriarchy* New York: Oxford. *Apud* NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicol. Soc.* 18 (1). 2006
- LOURENÇO, A. C. S.; et al. **A objetificação feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos**. In: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vila Velha - ES – 22 a 24/05/2014.
- MÉZÁROS, I. **Para além do capital**. Tradução de Paulo Sérgio Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo Editorial; Editora da UNICAMP, 2002.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. p. 119, 2003.
- MONTOVANE, Flávia. **“Eles não se arrependem”, diz cineasta sobre estupro coletivo na Índia**. Mundo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/eles-nao-se-arrependem-diz-cineasta-sobre-estupro-coletivo-na-india.html>>. Acesso em: 8 nov. 2021.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? *Cad.Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>>. Acessado 29 de novembro 2021.

NASCIMENTO, Amauri Mascaro, **Curso de Direito do Trabalho**. São Paulo. 2010, p.39.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p.61.

PATEMAN, Carole. Ibidem, p. 140-142. Pesquisa Mulher na Propaganda. 2013. Disponível em: <<http://agenciapatriciagalvao.org.br/concurso1minuto/pesquisa-mulher-e-propaganda.html>>. Acesso em: 10 de novembro de 2021.

PINTO, Andrea. **Feminismo ou “objetificação” do corpo? Anitta, a “malandra” da discórdia**. Notícias ao Minuto. Disponível em: <<https://www.noticiasao minuto.com/mundo/970344/feminismo-ou-objetificacao-do-corpo-anitta-a-malandra-da-discordia>>. Acesso em: 8 nov. 2021.

ROCHA, E. P. G. (1995). **A sociedade do sonho: Comunicação, cultura e consumo**. Rio de Janeiro: Mauad.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004a, p. 75,102,105.

SARTI, C. A. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis/UFSC, v. 12, n. 2, p. 37, maio/ago. 2004.

SCIELO- Brasil- **Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços** Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços.(n.d.). Retrieved October 9, 2021, from <https://www.scielo.br/j/rk/a/HqLvNHVzXPJkDYSchsb94hP/?lang=pt>.

SANDERS, Ronald. **The DOWTOWN JEWS. Portraits of an Immigrant Generation** New York: Dover Publications, Inc., 1987.

SEVERIANO, M.F.V. **Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade**. São Paulo: Annablume, 2001.

SCHEMES, Claudia; ARAUJO, Denise Castilhos de; LEDUR, Cíntia. **Corpo feminino: do anonimato à superexposição, anúncios publicitários do jornal NH**. 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Corpo%20feminino.pdf>>. Acesso em: 8 nov. de 2021.

TAVASSI, Ana Paula Chudzinski et al. **Violência contra as mulheres e a Lei Maria da Penha | Politize! Politize!** Disponível em: <[https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/violencia-contra-as-mulheres-e-a-lei-maria-da-penha/?gclid=CjwKCAiA1aiMBhAUEiwACw25MdZ4NruMKiyJ8w\\_rzTLq2KYYj1H-aGJMj8A\\_7Zi7Vct0V1wLsWx2RoC1kkQAvD\\_BwE](https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/violencia-contra-as-mulheres-e-a-lei-maria-da-penha/?gclid=CjwKCAiA1aiMBhAUEiwACw25MdZ4NruMKiyJ8w_rzTLq2KYYj1H-aGJMj8A_7Zi7Vct0V1wLsWx2RoC1kkQAvD_BwE)>. Acesso em: 8 nov. 2021.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: UnB, 1991. p. 187-223.